



Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**O QUE ACONTECE EMBAIXO DA PONTE?
JUVENTUDES E OCUPAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO**

RENATA DE MELLO CERQUEIRA PEREIRA

São Cristóvão/ SE

2016



Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**O QUE ACONTECE EMBAIXO DA PONTE?
JUVENTUDES E OCUPAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO**

RENATA DE MELLO CERQUEIRA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael

São Cristóvão/ SE

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P436q Pereira, Renata de Mello Cerqueira
 O que acontece embaixo da ponte? : juventude e ocupação de
 espaço público / Renata de Mello Cerqueira Pereira ; orientador
 Ulisses Neves Rafael. – São Cristóvão, 2016.

77 f. : il.

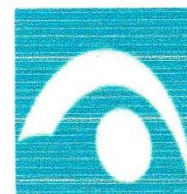
 Dissertação (mestrado em Antropologia Social) –
 Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Antropologia social. 2. Espaços públicos - Aracaju. 3.
Juventude. 4. Industrial (Aracaju, SE). I. Rafael, Ulisses Rafael,
orient. II. Título.

CDU 572.028(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA




RENATA DE MELLO CERQUEIRA PEREIRA

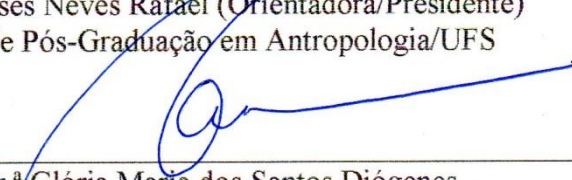
**"O QUE ACONTECE EMBAIXO DA PONTE? JUVENTUDES E
OCUPAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.


Aprovada em: 30. 05. 2016



Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael (Orientadora/Presidente)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS



Prof.ª Dr.ª Glória Maria dos Santos Diógenes
Universidade Federal do Ceará/UFC



Prof. Dr. Lorenzo Bordonaro
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**

Dedico este trabalho aos jovens que frequentam o Sintonia Periférica embaixo da Ponte do bairro Industrial em Aracaju.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Ulisses, por ter me ensinado muito e principalmente me incentivado a acreditar no meu potencial.

Ao professor Luiz Gustavo, pelos estudos e ensinamentos prévios, a “Fatinha” pelas noites antropológicas, pelas conversas eufóricas e por acreditar que poderíamos passar na seleção, e conseguimos! A Van por tantos desabafos e incentivos trocados.

A turma de colegas e professores do mestrado, da qual fiz sinceras amizades e troquei muitas experiências.

A minha família, Raquel, Alexandre, Rafael, Rodrigo e Gabriel. A meu companheiro Agnaldo e sua família, por me apoiarem, encorajarem e segurarem minha mão nas horas de desespero e desânimo.

Aos meus amigos que me deram força e suportaram a minha ausência em virtude do mestrado, em especial a Andrea, Jessica e Tamyres que me escutaram inúmeras vezes e me “orientaram” como acadêmicas, psicólogas e principalmente amigas.

Agradeço a família amiga, Ana Paula, Fabiana e Juliana, pelas trocas de energia e carinho.

A todos que direta ou indiretamente, positiva ou negativamente, de alguma forma passaram em minha vida durante essa importante etapa.

Gratidão!

“ Nós que vivemos e realizamos as nossas vidas nas ruas dessa cidade, sabemos das dificuldades e contradições que passamos diariamente”
(Trecho do Manifesto Cultural - Político em defesa da cultura e da cidade de Aracaju. 17 de março de 2015)

RESUMO

O crescimento da cidade de Aracaju, nordeste do Brasil, proporciona questionamentos acerca da ocupação dos espaços urbanos. No histórico dela, e no caso desta pesquisa, é no bairro Industrial que surge o ponto de partida para o estudo do espaço cultural criado após a construção da ponte que liga a capital Aracaju ao município da Barra dos Coqueiros. Mediante uma Etnografia feita através de pesquisa de campo, observação participante, entrevistas e questionários, foram colhidas informações relevantes a respeito do grupo ‘Sintonia Periférica’, que em uma manifestação artística e política ocupa o espaço embaixo da ponte por meio do movimento *hip-hop*. Tal pesquisa teve como principal objetivo observar e analisar a forma como os jovens dessa localidade vêm ocupando e transformando o espaço, e as relações que essa intervenção artística em espaços públicos têm com a reurbanização e o crescimento da cidade. Perceber a dimensão das relações e seus modos de ação consequentes da reestruturação urbana, demonstram as várias maneiras possíveis de novas formas de organização social e estrutural da cidade, apresentando pertinência na construção de conhecimentos não somente para Ciências Sociais, mas também para a Administração Pública e a comunidade em geral, pois ações como essas são resposta diárias a maneira como a cidade vem sendo ordenada e as suas consequências na vida cotidiana de seus moradores.

Palavras-chave: bairro Industrial – reurbanização – espaço público – ocupação – juventudes – expressões artísticas

ABSTRACT

The growth of the city of Aracaju, Northeast Brazil, brings questions about the occupation of urban spaces. In the case of this research, the starting point to study the cultural space created after the construction of the bridge linking the capital Aracaju the county of Barra Dos Coqueiros came from the Industrial District. Using an Ethnography done through field research, participant observation, interviews and questionnaires, relevant information was gathered about the “Sintonia Periférica” group, which occupies the space under the bridge in an artistic and political manifestation through the hip-hop movement.

This research aimed to observe and analyze the way the young people of this town have been occupying and transforming the space, and the relationships that this artistic intervention in public spaces have with the reurbanization and growth of the city. To perceive the dimension of the relationships and their modes of action, consequent of urban restructuring, demonstrate the various possible ways of new forms of social and structural organization of the city, with relevance to the knowledge not only to social sciences, but also for the Public Administration and the community in general, because actions like these are daily response to the way the city has been ordered and its consequences in everyday life of its residents.

Keywords: Industrial District – reurbanization – public space – occupation – youth – artistic expressions

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapas

- Mapa 1 - Mapa do bairro Industrial
- Mapa 2 - Mapa da orlinha do bairro Industrial
- Mapa 3 - Mapa dos bairros de Aracaju

Figuras

- Figura 1 - Zonas
- Figura 2 - Foto da orlinha do bairro Industrial
- Figura 3 - Foto da orlinha do bairro Industrial
- Figura 4 - Foto da orlinha do bairro Industrial
- Figura 5 - Foto da orlinha do bairro Industrial
- Figura 6 - Foto do espaço embaixo da Ponte Aracaju-Barra
- Figura 7 - Foto do evento Sintonia Periférica
- Figura 8 - Foto do evento Sintonia Periférica
- Figura 9 - Foto do evento Sintonia Periférica

Listas

- Lista 1 – Lista numerada com nomes dos principais bairros de Aracaju

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	16
Revisando Conceitos	16
1. Que cidade é essa?.....	16
2. A cidade cresce e o que acontece?.....	28
CAPÍTULO 2	33
Revelando o Cenário	33
Embaixo da ponte	40
O ‘Sintonia Periférica’	44
CAPÍTULO 3	51
Caminhos metodológicos	51
CAPÍTULO 4	54
Análises e discussões.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXOS	76
Entrevista	76
Questionário.....	77

INTRODUÇÃO

Os cidadãos desenvolvem capacidades criativas para se integrar às realidades em que vivem, acham brechas na organização social, transformam problemáticas urbanas em atitudes revolucionárias, vivem num aglomerado de construções, num mar de gente, num amontoado de informações. Transitam, desenvolvem estratégias, criam e recriam em cima das necessidades de sobreviver e das vontades de viver da forma melhor possível e menos caótica dentro da cidade. Cada um, junto aos semelhantes, unidos a muitos grupos, busca sensações de pertencimento em relação à metrópole, de estar presente e em contato direto com o mito de viver numa cidade. Habitat construído e reconstruído diariamente pela sociedade contemporânea, pelos sistemas políticos e econômicos, onde a “natureza” é o concreto e a estrada para se chegar a algum lugar é a rua, de invenções e partilhas repleta de significados para quem usa, transforma, cuida ou teme.

Dentro do espaço físico urbano existem lugares de utilização pública para vários fins, como as praças, os parques, museus, teatros, ruas e até mesmos as calçadas, que foram pensadas como um lugar de livre acesso para as pessoas que habitam a cidade. Esses espaços se distinguem dos espaços privado das casas, empresas, lojas, etc. pois possuem funções diversas, inclusive a sociabilização, circulação, deslocamento e lazer.

O uso de espaços públicos é uma ação cotidiana, diária, muitas vezes inconsciente. Sair de casa para ir ao trabalho, levar o filho na escola, ir à praia, ou qualquer situação que nos possibilite sair do espaço privado e promova deslocamento para outro lugar, nos faz utilizar o espaço comum, o espaço público. Por outro lado, existem utilizações de alguns espaços da cidade de maneira diferenciada, consciente, com intenção e função específica, com objetivo distinto do habitual. Tal ação atenta e funcional de ressignificação de espaços por atividades não rotineiras foi o pontapé inicial para esta pesquisa.

Aracaju, capital do estado de Sergipe - nordeste do Brasil, é uma cidade relativamente nova, com seus 161 anos, que cresce rapidamente. Tendo em seus últimos dez anos, passado por modificações espaciais significativas, novas ruas, viadutos, avenidas, prédios cada vez mais altos, prédios antigos em diversas regiões da cidade sendo demolidos para dar lugar a construções novas e modernas. Reformulações no trânsito, revitalizações, reurbanizações, reformas intensas tudo em prol da modernização e inovação da malha urbana.

Nas minhas andanças pela cidade, sobretudo nas idas ao centro, percebi a quantidade de casas antigas e abandonadas, o número reduzido de residentes onde já foi um dos lugares

mais bem localizados para moradia. Percebi os movimentos variados do dia e da noite, as sutilezas dos usos, a representatividade dos lugares e pude também ressignificar minhas impressões em relação a cidade.

A mudança do olhar sobre os espaços e as relações dos habitantes com ele, fizeram-me rememorar as minhas experiências vividas em lugares diferentes da cidade, os diferentes bairros e cada fase da minha vida. Desde meu nascimento e parte da minha infância na rua de Siriri, no centro da cidade, onde minha avó reside até hoje; das brincadeiras de rua e dos banhos de chuva na rua João Soares, no bairro Ponto Novo, onde morei por mais de vinte anos. Da grande mudança para a zona de expansão de Aracaju; da primeira morada fora da casa de meus pais, na avenida Saneamento, no bairro Luzia, até a atual moradia no bairro Inácio Barbosa.

Os caminhos percorridos entre mudanças e transformações, reconhecendo e reinventando não só os lugares onde morei, mas outros por onde andei, despertaram-me sobre como as transformações da cidade criam novas possibilidades de relação com os espaços, criam significados, sentimentos e geram mudanças em nosso comportamento.

Os questionamentos acerca das consequências das mudanças no espaço urbano deram-se através das experiências que eu vinha desenvolvendo como artista. A vontade de usar os espaços urbanos como palco, me impulsionaram a perceber os diferentes usos da cidade que culminaram nesta pesquisa. Através da arte pude achar pontos na cidade onde aconteciam movimentações artísticas que utilizavam o espaço público na sua realização e percebi que reconhecia a mesma vontade que pulsava em mim, em outras pessoas e em outras partes da cidade.

O espaço embaixo da ponte Aracaju-Barra, situado no bairro Industrial, zona norte de Aracaju, apareceu nessas minhas caminhadas. A estética do lugar, a imponência da ponte e sua localização geraram indagações sobre a relação entre os moradores da região com esse novo espaço que se abriu após sua construção. Como usavam, quando usavam, porque usavam, e qual importância, ou não, aquele espaço apresentava no dia a dia dos moradores do bairro e de outras partes da cidade. Partindo dessas percepções iniciais sobre as ocupações dos espaços público, escolhi o lugar embaixo da ponte como objeto de estudo desta pesquisa, particularmente por conta do distanciamento que eu, como pesquisadora, tinha do espaço e das dinâmicas sociais que ali existiam.

O objetivo principal desta pesquisa foi observar como as pessoas interagem com o espaço formado embaixo da ponte, e se havia algum tipo de movimentação artística que

usasse o espaço como lugar de manifestação. Foi então, que conheci o evento chamado Sintonia Periférica, o qual utilizei como tema de estudo.

O evento acontece embaixo da ponte e tem como proposta a conscientização política das juventudes das comunidades das periferias de Aracaju. Busca através da arte levar conhecimento e discutir temáticas que envolvem as realidades dos jovens em suas comunidades. Por meio de palestras, shows de rap, reggae, exposição de documentários, discotecagem, poesia, dança, *graffiti*, variadas atividades inseridas na cultura *hip-hop* que abrem espaço para exposições das produções artísticas dos jovens.

Outros motivos complementares que se revelaram dentro do processo da pesquisa, foi a necessidade de observar a dinâmica do evento, as formas de relações que surgiam entre os participantes e a ação, e outras ações de ocupação de espaços públicos pela cidade. As variações de usos a partir das experiências dos frequentadores, a construção da “festa” e a intenção de organização política incentivadas pelos idealizadores do evento. Ademais sobre a manutenção da manifestação, as motivações e as adversidades vividas pelas tensões e contradições dentro da atividade social.

O espaço embaixo da ponte e a manifestação cultural ali localizada, demonstraram uma íntima relação com o modo de arrumação da cidade. As implicações das revitalizações e da reurbanização no bairro, demonstraram influenciar diretamente a maneira como a comunidade se relaciona com os espaços transformados, apontado a relevância da pesquisa para se entender através desses processos, a relação do crescimento da cidade com as manifestações sociais que ocupam os espaços públicos e seus usos cotidianos.

Apoiando-se nas indagações acima, organizei o texto da seguinte maneira: no **Capítulo 1** busquei fazer um apanhado das teorias clássicas da Sociologia e da Antropologia que nortearam e fundamentaram os estudos urbanos ao longo dos anos e me trouxeram esclarecimentos diante das especificidades apresentadas pelo objeto de estudo em sua ação social. Dividi o capítulo em dois pontos, o primeiro intitulado *Que cidade é essa?* reunindo as teorias clássicas sobre a organização das cidades e os modos de vida urbanos à luz da Escola Alemã, da Escola de Chicago e de autores que seguiram as linhas de pesquisa dessas duas escolas fundamentais para o estudo da vida nas cidades, principalmente as cidades pós-industriais ao redor do mundo. O segundo ponto, *A cidade cresce e o que acontece?* Trago as teorias mais novas relacionadas a um processo importante que muitas cidades vêm sofrendo ao longo dos anos chamado *gentrification* e seus efeitos na organização social. A variedade nas formas de traduzir e entender o conceito e os pormenores em relação às formas da gentrificação.

A necessidade de realizar esse salto teórico se deu durante o trabalho de campo, pois acredito que dentro das especificidades de Aracaju e do bairro Industrial, de algum modo veem acontecendo reurbanizações que se encaixam nesse conceito tão explorado nos estudos urbanos.

No **Capítulo 2**, *Revelando o cenário*, conto um pouco da história do bairro Industrial, desde a sua origem com a mudança da capital para Aracaju, incluindo seus principais processos de alteração urbana, dos quais um deu origem ao espaço onde acontece essa pesquisa. Tais mudanças constroem a história do bairro e consequentemente de Aracaju, cenário onde toda a pesquisa foi realizada.

Esse capítulo também foi dividido em duas partes, a primeira, contendo um breve histórico do bairro Industrial, e a segunda parte descrevendo o espaço embaixo da ponte, com um subponto descrevendo o evento Sintonia Periférica.

No **Capítulo 3**, titulado *Caminhos metodológicos*, trago todo o processo de organização, estratégias, recursos e execução da pesquisa. Optei por deixar os métodos num capítulo diferente dos outros, mesmo ele sendo menor, por ter clareza da importância dessa etapa dentro das pesquisas acadêmicas e por ele não se encaixar na organização junto com nenhum outro.

A etnografia utilizada nas pesquisas antropológicas, guiaram as observações participantes do campo que deram origem as categorias analisadas no capítulo 4. O modelo que orientou esse caminho metodológico da minha pesquisa se deu principalmente a partir de Malinowski (1961) e Magnani (2002), que conduziram além do trabalho de campo, o desenvolvimento e organização das categorias que emergiram durante as observações.

Foram utilizados questionários e entrevista que deram suporte ao diário de campo construído durante toda pesquisa, do qual saíram os dados que foram analisados e discutidos no capítulo 4, com base na revisão bibliográfica feita no primeiro capítulo.

No **Capítulo 4**, *Análises e discussões*, exponho as impressões que tive e as considerações sobre a dinâmica do evento Sintonia Periférica, bem como suas fragilidades e tensões estabelecidas através da ocupação do espaço embaixo da ponte Aracaju- Barra. Ademais ponderações sobre Aracaju e suas fronteiras determinadas pelo distanciamento físico e social apresentadas nas relações entre classes sociais e a multiplicidade de culturas urbanas.

Nesse último capítulo as temáticas abordadas abarcaram a relação das zonas criadas na cidade a partir das classes sociais e manifestações culturais, a problemática do transporte ligado aos deslocamentos pela cidade. A questão da dilatação das juventudes e suas relações com a instituição escolar e o trabalho, o uso de drogas, especificamente da maconha embaixo

da ponte. Além das formas de desdobramento e associação com outros eventos e instituições apoiadoras do movimento hip-hop, e o conhecimento e interação desses jovens com outros eventos que também utilizam dos espaços públicos para sua realização.

A minha suposição em relação a participação desses jovens em atividades em espaços públicos foi inicialmente baseada na intenção pessoal de ocupação como uma atitude política e como uma resposta a maneira como a cidade vinha se ordenando. Afastando as pessoas, dificultando seu deslocamento por outras partes da cidade, limitando seu conhecimento sobre outras culturas e sobre a história da cidade.

Através do percurso desta pesquisa pude observar a variedade do caráter das ocupações e das intenções de uso dos espaços, sejam eles realizados com maior consciência política ou pelo simples desejo de se divertir em meio ao corre-corre e obrigações do dia a dia. Pude perceber que muitas vezes o que instiga as ações é a necessidade de quebrar as regras e reinventar caminhos dos quais possamos experimentar sensações e construir novas ordens instáveis que estimulam as possibilidades de adaptação à vida na cidade. As transformações urbanas ganharam um caráter mais positivo pois estimulam estratégias para adaptação a elas promovendo um equilíbrio da carga negativa que a própria mudança já traz em si, tira as coisas do lugar, de quebrar a rotina, e abre novas possibilidades. Pude ver nas pessoas não uma reação contraproducente, mas uma transposição otimista em relação as adversidades da reurbanização.

CAPÍTULO 1

Revisando Conceitos

1. Que cidade é essa?

O comércio funcionando a todo vapor desde o início da manhã, lojas, academias, padarias, bancos, setores públicos com seus infinitos processos, gente passando de um lado para o outro, caminhando, correndo, cada um em seu movimento e fazendo o movimento da cidade. Pontes, viadutos, grandes avenidas, um amontoado de casas e pessoas, muitos carros, semáforos, construções verticais, obras e mais obras representam claramente o crescimento e desenvolvimento urbano. Quando penso em cidade logo me vem essa imagem de movimento sem intervalo.

A cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe e campo da minha pesquisa, teve seu desenvolvimento baseado na industrialização e possui muito dos atributos citados acima. Apresenta características claras de uma cidade capitalista, com uma dinâmica específica, e se diferencia das outras cidades do estado, que em sua maioria são cidades com economia predominantemente agrícola. Muitas peculiaridades aparecem no dia a dia de Aracaju, muitos questionamentos acerca da construção e do desenvolvimento desta também emergem.

Partindo de uma simples definição de que a cidade é um aglomerado de casas e construções com ruas que ligam um ponto a outro no espaço geográfico, o que de fato dá ‘vida’ a esse ‘corpo de construções’, o que vai além dessa aparência concreta que se mostra tão imprescindível para se entendê-la? Que cidade é essa?

Apesar do cotidiano na cidade ser semelhante, cada ambiente urbano tem sua peculiaridade. A dinâmica social, o jeito de viver na cidade, o que a gente deixa e o que imprime de volta na gente, é uma grande fonte de observação e pesquisa.

Procedendo aos estudos urbanos, trago como início da fundamentação a *Escola Alemã* que conduziu as pesquisas sociológicas partindo de uma perspectiva multidisciplinar¹ a qual, a própria cidade oferece espontaneamente. Temos como teórico fundamental Georg Simmel que em *As grandes cidades e a vida mental do espírito* traz considerações sobre o estilo de vida urbano, o comportamento dos indivíduos de maneira a manter a ordem social, e ordem de interferência desta na subjetividade.

¹ Uso da expressão “perspectiva multidisciplinar” da escola alemã referenciada no livro de Barbara Freitag.

O princípio monetário, característica clara da cidade moderna pós-industrial, que se comporta como sede da economia, desencadeia reações e gera relações representativas no modo de vida de quem está no meio urbano. O mercado aparece como modelador tanto da economia como do comportamento dos indivíduos, gerando uma objetivação generalizada, colocando a individualidade em outro patamar e reduzindo as pessoas a meros consumidores.

O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil. Ao ideal da ciência natural de transformar o mundo em um exemplo de cálculo e de fixar cada uma de suas partes em fórmulas matemáticas corresponde a exatidão contábil da vida prática, trazida pela economia monetária. Somente a economia preencheu o dia de tantos seres humanos com comparações, cálculos, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos. Mediante a essência contábil do dinheiro chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações – tal como, externamente, foi propiciado pela divisão geral dos relógios de bolso. Contudo, são as condições da cidade grande que são tanto as causas com os efeitos desse traço essencial (SIMMEL, 2005, p.580).

A vida na cidade ganha um nível de complexidade que desencadeia em várias formas de existência, uma delas é a *blasé*, que segundo Simmel, “talvez não haja nenhum fenômeno anímico que seja reservado de modo tão incondicional à cidade grande como o caráter blasé” (2005, p.581). Esse comportamento é reflexo psíquico da economia monetária, conforme acontece uma equiparação das multiplicidades das coisas e das pessoas, a melhor resposta torna-se a acomodação, a auto conservação, renuncia a reação pessoal e subjetiva diante das situações. Apesar da aparente negatividade da maneira de atuação na vida social, esse modo de vida é “uma de suas formas elementares de socialização” (SIMMEL, 2005, p.583) na cidade grande. Diferentemente das cidades pequenas e das antigas, em que a rigorosidade nas determinações dos grupos era maior em relação aos indivíduos participantes, na cidade grande o aumento da diversidade dessa rigorosidade se afrouxa dando maior liberdade de circulação e crescimento individual da autonomia que desemboca numa individualização espiritual, que afeta e caracteriza o funcionamento social também garantindo a manutenção das relações e da ordem da cidade grande.

Na medida em que se pergunta pela posição histórica das duas formas de individualismo, que são providas pela relação quantitativa da cidade grande: a independência individual e a formação de modo pessoal e específico, a cidade grande ganha um valor completamente novo na história universal do espírito. (...) A função da cidade grande é fornecer o lugar para o conflito e para as tentativas de unificação dos dois, na medida em que as suas condições peculiares se nos revelam como oportunidades e estímulos para o

desenvolvimento de ambas. Com isso as cidades grandes obtêm um lugar absolutamente único, prenhe de significações ilimitadas, no desenvolvimento da existência anímica; elas se mostram como uma daquelas grandes formações históricas em que as correntes opostas que circunscrevem a vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos (SIMMEL, 2005, p.589).

E não nos cabe, nesse texto, julgar tais divergências e complementaridades, nos compete apenas detectar, observar e buscar compreender as características da cidade e os comportamentos dos indivíduos que nelas habitam, pois são as riquezas sociais que servem de objetos para as ciências sociais.

Outro autor da escola de pensamento alemão, Marx Weber, que na tentativa de achar dentro da história o conceito de cidade, seleciona características que podiam representá-las na formulação de tal definição. Em seu artigo *Conceito e categorias das cidades*, ele aponta particularidades importantes que indicam e que diferenciam os tipos de cidades. A variação de características entre elas leva às especificações que por sua vez dificultam a definição de um conceito amplo e que contemple a diversidade da realidade encontrada nas cidades, todavia tal heterogeneidade avulta as possibilidades das análises dos comportamentos sociais nesses ambientes urbanos. As contribuições do autor são de extrema importância, pois foi ele quem iniciou o trabalho de sistematizar características do meio urbano a fim de construir uma *tipologia das cidades* ao longo da história da humanidade.

Walter Benjamin, em *Paris, capital do século XIX*, também teórico da escola Alemã, traz outro olhar para perceber a cidade, um olhar mais poético e sensível de estar no ambiente citadino. A arte, as formas das construções, as vitrines, o uso dos materiais, os detalhes cotidianos, indicavam e apresentavam a personalidade da vida urbana. O conjunto desses atributos juntamente com o modo como as pessoas se relacionavam com eles, conferia à cidade algo de mágico. Até a relação com o mercado, que a maioria dos outros autores traz como peso para discussão, Benjamin realça com um pouco mais de otimismo, olhando de forma a perceber a satisfação do consumo, do fetiche de usufruir da cidade. Através de literatura ele aborda personagens urbanos, como o *flâneur*,

(...) cujo modo de existência disfarça, num halo de serenidade, a iminente angústia do habitante das grandes cidades. O *flâneur* encontra-se ainda no limiar; no limiar da cidade e da classe burguesa. Nem numa nem noutra ele se sente à vontade. Procura refúgio na multidão. (...) A multidão é o disfarce através do qual a cidade familiar atrai o *flâneur* como uma fantasmagoria. Esta fantasmagoria, que ora a faz parecer uma paisagem ora um quarto, inspirou a ornamentação dos grandes armazéns que tornam a própria *flânerie* um negócio lucrativo (BENJAMIN, 1997, p.74).

São esses personagens que usam as ruas e mostram um pouco da diversidade nas dinâmicas sociais urbanas, os quais fazem parte da camada intelectual, artística e boêmia, da mesma maneira que aparecem como componentes ativos do mercado. Apresentam sua ambiguidade na posição econômica, apresentam indeterminação na função política e trazem uma rebeldia comportamental em não se colocar em nenhuma posição social fixa.

Trago também como referencial os estudos de Ronald Daus², que em sua pesquisa se refere às cidades coloniais extra-europeias, que por sua vez possuem características particulares e que precisam ser observadas com um olhar diferenciado das grandes cidades europeias ou americanas. O acesso ao conteúdo das produções de Daus, encontra-se no livro *Teoria das Cidades*, de Barbara Freitag, que mostra as principais observações de Daus em relação à vida nas cidades não europeias e seus modos de sobrevivência.

O ponto interessante é como a vida nesses centros urbanos podem desencadear processos criativos e soluções através das realidades que geram tensões sociais bem diferentes do que acontecem nas cidades europeias. A “formação da consciência nacional, das migrações das populações rurais para os centros urbanos, da atmosfera e da vida no asfalto, da massificação e das metáforas e ritos que se desenvolvem nessas cidades” (FREITAG, 2006, p.36). Perguntas como “por quem” e “para quem” essas cidades são concebidas e a forma como esse teórico utiliza várias fontes (como os materiais escritos, filmes, desenhos, planos urbanísticos, jornais, etc.) para observar as representações das cidades extra europeias são importantes para pensar como o espaço existencial, coletivo e individual, são constituídos.

Outra escola de pensamento importante nos estudos urbanos é a Escola de Chicago, que dentro sociologia clássica, vem ao longo de anos aprofundando princípios e desenvolvendo conceitos nos estudos das cidades, trazendo considerações pertinentes para a questão central de pesquisa. Com uma abrangência ampla, perpassando por várias categorias sociais, para se compreender mais satisfatoriamente a *entidade social* que a cidade representa na vida dos cidadãos.

Os estudos sobre as cidades cresceram nos Estados Unidos, e principalmente na cidade de Chicago, porque “A sociedade americana era uma fonte estimulante de problemas para investigação sociológica e a própria cidade revelou-se igualmente fértil em sugerir indagações e em inspirar programa e temas” (EUFRASIO, 1999. p.34). Para a formulação do vasto material que vinha se constituindo com o que hoje conhecemos como uma ‘*teoria do urbanismo*’, Louis Wirth, sociólogo alemão de grande relevância para a escola, irá

² As obras desse autor não foram, por hora, encontradas em língua portuguesa.

sistematizar e apontar o *modo de vida urbano* como o conteúdo substancial que interfere diretamente nos aspectos diversos que constituem a cidade - da mesma forma que é o processo inverso também acontece.

A formulação de uma abordagem sociológica relevante da cidade, segundo Wirth (1997) em seu artigo, *O urbanismo como modo de vida*, elabora a formulação de uma abordagem sociológica relevante da cidade através da seleção de elementos do urbanismo que destacam o modo de vida singular da humanidade (1997, p.47).

A formulação de uma definição impõe algumas cautelas no sentido de evitar uma identificação entre urbanismo, enquanto modo de vida, e quaisquer influências culturais, local e historicamente específicas, que, embora possam afectar significativamente a natureza particular da comunidade, não constituem as determinantes essenciais do seu carácter como cidade (WIRTH, p. 49 e 50).

Na busca de elencar tópicos que possam manifestar características que as cidades, em sua diversidade, possam ter, Wirth seleciona categorias básicas para desenvolver a teoria do urbanismo, são elas, a *dimensão do agregado populacional*, a *densidade* e *heterogeneidade*.

A *dimensão do agregado populacional* se refere ao número de habitantes, “quanto maior o número de indivíduos em interação, maior será sua diferenciação potencial” (1997, p.54). Sendo então inverossímeis as tensões sociais, pois quanto maior a quantidade dessas relações interpessoais, menor a consistência delas. Aumenta-se a impessoalidade, o número de grupos com os quais os indivíduos cotidianamente se relacionam e, os contatos se transformam em secundários, influenciados e influenciando de forma direta a divisão do trabalho, ou seja, a quantidade de pessoas morando no mesmo ambiente atua intimamente na maneira como se vive na cidade, no comportamento dos indivíduos urbanos.

A categoria seguinte, *densidade*, interage exatamente nesse ponto, a quantidade de indivíduos que habitam um determinado espaço geográfico, e como essa relação número ↔ espaço tende a produzir diferenciações na maneira de estar e agir na cidade.

O lugar e a natureza do trabalho, o rendimento, as características sociais e étnicas, o estatuto social, os costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos contam-se entre os factores mais significativos, de acordo com os quais se processa a selecção e a distribuição da população urbana pelas diferentes zonas da cidade (WIRTH, 1997, p.55).

Quanto à *heterogeneidade*, a última categoria descrita pelo autor como importante na busca pela teoria do urbanismo, refere-se à grande diversidade de pessoas e interesses na

cidade, o que proporciona uma circulação e variação muito grande de interações interpessoais e grupais. A mobilidade social e a flexibilização das fronteiras dos grupos, direciona para um quadro de estratificação social cada vez mais ramificado que por sua vez desestabiliza a vida social. As relações de grupo interferem na construção da personalidade do indivíduo e variam de acordo com as necessidades da dinâmica urbana, que em contrapartida estimula cada vez mais a impessoalidade para manter as movimentações sociais gerando dialeticamente um nivelamento comportamental com intenção, do indivíduo, em se manter nesses grupos.

Apesar de a cidade albergar uma população altamente diferenciada - em função do recrutamento de vários tipos de pessoas para a execução de diversas tarefas e da acentuação de sua singularidade, mas também pelo facto de recompensar a excentricidade, a novidade, a eficácia e o espírito inventivo -, ela exerce também uma acção de nivelamento social. Onde quer que se congregue um elevado número de indivíduos de diferente formação, ocorre também um processo de despersonificação. Esta tendência niveladora é, em parte, inerente aos funcionamentos económicos da cidade (WIRTH, 1997, p.57).

Wirth (1997) aponta que “nestas condições, os indivíduos vêm-se substituídos por categorias sociais” (p. 57). Essas categorias por si só não conseguem demonstrar notoriamente a vida urbana, elas precisam ser observadas em suas relações e tensões, pois é das interações que emergem as especificidades e as problemáticas sociais sobre as quais as ciências sociais se debruçam. Segundo Wirth, dentre tantas características específicas que as cidades podem possuir tem-se muito que caminhar para construir uma tipologia do estudo do urbanismo como modo de vida, mas com certeza todas essas contribuições veem há anos guiando da melhor maneira os estudos no campo social.

Outro autor de grande importância dentro dos estudos urbanos da escola de Chicago é Robert Ezra Park, que em seu artigo *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* traz como ponto de vista a seguinte definição para cidade:

(...) a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é

um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (PARK, 1979. p. 26).

No decorrer de sua investigação ele indica um programa para o estudo da vida urbana baseado na organização física da cidade, das ocupações e da cultura. Dividindo nos seguintes pontos: *a planta da cidade a organização local, a organização industrial e a ordem moral e as relações secundárias e controle social.*

I - A planta da cidade e a organização local, que trata além da organização estrutural, das organizações das construções de casas, prédios, praças, da maneira como a ordem moral intervém nessa estrutura. Segundo Park (1979),

é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra (p.29).

Ainda dentro do primeiro ponto, Park (1979) sinaliza a importância da observação das *vizinhanças*, que são localidades com semelhanças culturais de várias formas de associações, que apresentam um sentimento local, tradições, história, hábitos específicos das pessoas que moram nessa área. Ainda segundo Park, “a vizinhança é uma unidade social” sem formalidades, espontânea, porém com expressividade significativa dos interesses. Ainda dentro desse tópico aparecem questionamentos acerca dos grupos sociais que se desdobram em categorias³ como idade, classe social, ocupação, sexo, raça, costumes e tradições, que implicam na organização grupal.

II - A organização industrial e a ordem moral, que fazem considerações sobre o mercado e a divisão do trabalho, características que irão diferenciar a cidade moderna da antiga, que era considerada uma fortaleza e refúgio de guerra.

A competição industrial e a divisão do trabalho, que provavelmente mais fizeram pelo desenvolvimento dos poderes latentes da humanidade, somente são possíveis sob a condição da existência do mercado, dinheiro e outros expedientes para facilitar os negócios e o comércio (PARK, 1979, p. 36).

Sendo assim, o mercado e a relação com o comércio irão direcionar as ocupações dos habitantes da cidade, que Park nomeia como *vocações*, que seriam as aptidões de trabalho que

³ Categorias das quais também tenho observado em meus trabalhos de campo no Bairro Industrial, local da minha pesquisa em Aracaju.

os indivíduos apresentam. Essas aptidões aparecem de várias formas através das necessidades de se inserir na realidade mercadológica da cidade. “A diferença entre as pessoas mais dessemelhantes, parece surgir não tanto da natureza, mas do hábito, costume e educação” (Park, 1979, p.37). As vocações incitam as competições pessoais que o mercado propicia gerando uma situação favorável para as trocas que por sua vez ocasionam a divisão do trabalho nas cidades. O efeito da divisão do trabalho desencadeia meios de moldar o caráter dos indivíduos citadinos, cabendo o questionamento de Park (1979) sobre em que medida a ocupação de um sujeito é responsável pelas suas predileções morais e atitudes mentais (p. 39); assim como o quanto o mercado, a divisão do trabalho, as vocações influenciam na maneira como os grupos se organizam e se aproximam para construir, ou manter, uma ordem local.

A divisão do trabalho e a competição pessoal oferecem oportunidade de mobilidade da classe geradora de instabilidade e tensão social, pois tal situação afeta a maneira como o indivíduo se relaciona com os outros e com o grupo. A mobilidade é um fator importantíssimo para o desenvolvimento intelectual da população, o contrário também acontece, a imobilidade devido ao isolamento de grupos e comunidades o que caracteriza incapacidades, que aumentam as fronteiras entre uma classe e outra⁴.

Aparece também nos estudos de Park (1979) a relação do citadino com o dinheiro. Segundo esse autor “o dinheiro é o principal artifício pelo qual os valores foram racionalizados e os sentimentos substituídos pelos interesses” (p.40).

III - Relações secundárias e controle social, esse tópico apresenta as mudanças das relações interpessoais em virtude do crescimento da urbe. Na cidade, diferentemente das comunidades menores, o caráter das relações muda, as obrigações ocupacionais aumentam assim como a distância entre os pontos da cidade, os meios de transportes e a comunicação afetam a qualidade das relações, principalmente as primárias, aquela mais íntima, face a face, gerando uma alteração na maneira como os indivíduos agem e como eles se formam socialmente. A fragilidade e a instabilidade das interações interpessoais caracterizam as relações íntimas no meio urbano, e essas relações de intimidade se associam ao indivíduo como um propósito comum do grupo em que vive, passando ele a se ver como parte desse todo grupal. Dessa forma “o controle social surge, em sua maior parte, espontaneamente, em resposta direta a influências pessoais e ao sentimento público. É mais o resultado de uma acomodação pessoal do que a formulação de um princípio racional e abstrato” (PARK, 1979.p.47).

⁴ Aquela classe que detém maior poder de troca, participando intensamente do mercado, e a classe que tem menor poder de troca, e participa do mercado de acordo com as possibilidades que possui.

O controle grupal se apresenta também nas instituições sociais, Park sinaliza a família, a escola e a igreja, como instituições tradicionais que tiveram suas ordens morais alteradas por força do enfraquecimento das relações primárias. Por exemplo, a escola tem assumido algumas funções da família, a igreja tem perdido influência, as relações diretas dentro da família têm sido reduzidas; esse processo de reajustamento das condições de vida são categorias relevantes que precisam ser observadas nas dinâmicas sociais urbanas.

O reajustamento social desencadeado pelas mudanças das relações, conseqüentemente do meio urbano, leva à intensificação de efeitos de *crise*, (entendida como qualquer distúrbio de hábito) sendo então detectado que o resultado dela é que, o controle anteriormente baseado nos costumes das instituições tradicionais foi substituído pelo controle baseado na lei positiva (Park, 1979).

IV – O temperamento e o meio urbano mostram que os processos de interação trouxeram além dos tipos vocacionais, os tipos temperamentais. O homem individual é determinado por sinais convencionais de moda e aparência que circulam no meio em que vive e que dependendo dos interesses o mantém nesse meio. A mobilidade do homem individual é possibilitada pelos meios de transportes e comunicações, que facilita esse trânsito de um meio moral para o outro, promove a circulação em mundos diferentes dentro da mesma cidade. Talvez esse seja o grande atrativo da cidade grande.

A atração da metrópole é em parte ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadinas o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas (PARK, 1979, p. 63).

As contribuições desse autor para elencar categorias importantes nas observações de trabalho de campo que venho fazendo, são de extrema relevância. Tais categorias direcionam a percepção da realidade social local e auxiliam na observação das relações que se apresentam dentro do grupo e com outros grupos a que os indivíduos pertencem, esclarece e fundamenta a estrutura da dinâmica peculiar do lugar que venho trabalhando. Park em outro ponto traz a importância de observar as *regiões morais*⁵, como ele mesmo denomina, que a cidade proporciona, e o quanto é importante perceber as características específicas dessas áreas dentro do contexto mais geral da cidade.

⁵ Não necessariamente é uma região da cidade com características criminosas ou anormais, são regiões que prevalecem um código moral divergente. As pessoas que habitam tais locais possuem um gosto, uma paixão, ou algum interesse que tem suas raízes diferentes da natureza original do indivíduo, pode ser uma arte ou esporte.

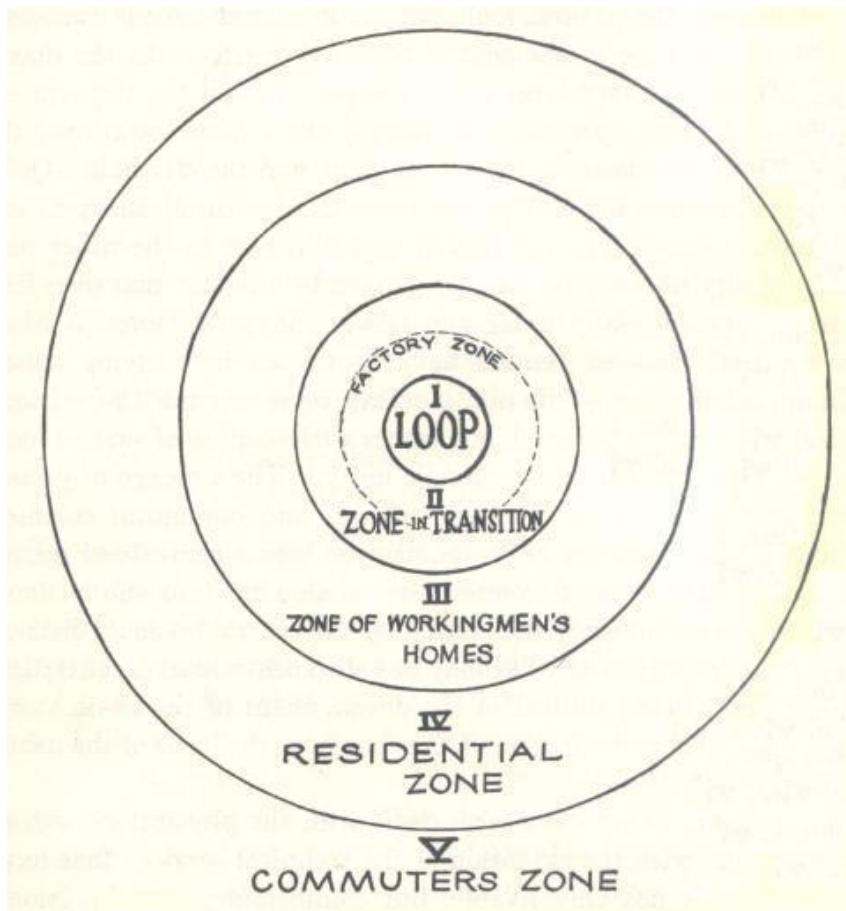
Em suma, a cidade mostra em excesso o bem e o mal da natureza humana. Talvez seja este o fato, mais do que qualquer outro, que justifica a perspectiva que faz da cidade um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados conveniente e proveitosamente (PARK, 1979,p.67).

Seguindo os estudos da Escola de Chicago, as contribuições Ernest Burgess sobre o crescimento físico e o desenvolvimento das cidades e sua complementar influencia sobre as estruturas sociais, direcionam um outro olhar sobre a cidade.

Burgess traz na observação do processo de *Expansão* variações que indicavam mudanças na organização social. Algumas características estatísticas, por exemplo o número de mulheres nas cidades urbanas frente às cidades rurais, o aumento da densidade populacional, a aparência da cidade, os meios de transportes utilizados, a agitação social, problemas sociais, principalmente o divórcio e a delinquência, são atributos que apontam para tal crescimento urbano.

Em *O Crescimento da Cidade*, Burgess (1925) diz que a *Expansão* faz com que se planeje e delimite áreas na cidade, fisicamente, politicamente e também na forma administrativa de funcionamento de serviços. Através das zonas concêntricas, o autor explica e ilustra esse processo de expansão, que são tipos de áreas distintas e com traços específicos dentro do processo de desenvolvimento da cidade. Esse modelo de *Expansão* foi construído a partir da cidade de Chicago nos Estados Unidos da América, e pode ser observado em muitas outras cidades que também tiveram seu crescimento a partir da industrialização e pode ser observado na figura abaixo.

Figura 1



The growth of the city: Zonas

Onde a **Zona I**, “Loop”, corresponde ao centro econômico da cidade; a **Zona II**, é a área de transição que comporta tanto o comércio quanto pequenas fábricas; **Zona III**, área de moradia de trabalhadores; **Zona IV**, zona residencial de classe média e alta; e **Zona V**, se localiza além dos limites da zona metropolitana, onde estão as cidades satélites e os subúrbios, que são locais que levam de trinta minutos a uma hora do centro da área metropolitana da cidade (BURGESS, 1925, p.50).

Inevitavelmente esperamos encontrar maior efervescência da vida econômica, cultural e política das cidades localizadas nas áreas centrais, mas outros movimentos aparecem nesse processo, como o surgimento de sub-centros fora das zonas principais. (BURGESS, 1925,

p.52). Esse movimento de reorganização – centralização e descentralização - formam outros polos econômicos e culturais.

Além da extensão e sucessão, o processo geral de expansão de crescimento urbano envolve o antagonístico e complementar processo de centralização e descentralização. (...) A relação entra a centralização e outros processos da vida na cidade talvez seja grosseiramente medido pelo fato de que mais de meio milhão de pessoas diariamente chega e sai da zona central de Chicago. Recentemente teve um aumento nos sub-centros das zonas mais distantes do centro. Esse “satellite loops” não são, uma representação do renascimento de bairros, mas vários polos dentro de uma maior unidade econômica. A Chicago de ontem, uma aglomeração de cidades do interior e colônias de imigrantes, está passando por um processo de reorganização em um sistema descentralizado de centralidades nas comunidades locais coalescentes em sub-áreas de negócios visível ou invisivelmente dominados pelo distrito central econômico (Burgess, 1925, p.52).⁶

Essas mudanças físicas e econômicas afetam a organização social e os tipos de personalidades dos cidadãos. Burgess (1925) faz uma analogia da estrutura social com o metabolismo corporal e salienta a reciprocidade do movimento de centralização e descentralização, de organização e desorganização, uma cooperação contraditória das categorias que se harmonizam de alguma forma nas estruturas sociais. Tal mobilidade que envolve mudanças e novas experiências, estimulando o funcionamento da vida social, aumenta as formas de contato, de deslocamento, as comunicações, e toda essa agitação de alguma forma se equilibra com o crescimento físico da cidade (p.54 a 58).

Através desse breve apanhado baseado nas principais teorias clássicas das Ciências Sociais, finalizo a primeira parte desse capítulo. A retomada dos conceitos utilizados aqui veio a partir da premência de resgatar tais conhecimentos que iniciaram os estudos urbanos e ainda sustentam o debate sobre a vida na cidade.

⁶ Tradução feita por mim da citação original “Besides extension and succession, the general process of expansion in urban growth involves the antagonistic and yet complementary processes of concentration and decentralization. (...) The relation of centralization to the other processes of city life may be roughly gauged by the fact that over half a million people daily enter and leave Chicago's "loop". More recently sub-business centers have grown up in outlying zones. These "satellite loops" do not, it seems represent the "holped for" revival of neighborhood, but rather a telescoping of several local communities into a larger economic unity. The Chicago of yesterday, an agglomeration of country towns and immigrant colonies, is undergoing a process of reorganization into a centralized decentralized system of local communities coalescing into sub-business areas visibly or invisibly dominated by the central business district.”

2. A cidade cresce e o que acontece?

Nessa segunda parte do capítulo trago um debate mais relacionado às transformações urbanas e suas consequências diante das dinâmicas sociais. O salto das teorias clássicas da Sociologia e da Antropologia para as teorias mais atuais foi imprescindível devido à necessidade teórica sobre os conceitos que dão sustentabilidade à compreensão do crescimento e desenvolvimento da cidade, questão se apresentou bastante importante para construção dessa pesquisa.

Em meio aos movimentos e ‘caos harmonizado’ da vida na cidade, aparecem os fatores simbólicos da relação entre os cidadãos e o espaço urbano. As modificações físicas decorrentes da expansão da cidade desencadeiam novas associações representativas da vida urbana. Os espaços se alteram de forma física, econômica, cultural, sentimental, simbólica, e transformam a identidade da cidade, e dos indivíduos. “O espaço e seu uso (material e mítico) são indistinguíveis enquanto espaço social e físico. A consciência do espaço é uma decorrência direta, da atividade prática” (SMITH, 1984 p.113).

A reestruturação física implica essencialmente nas demandas históricas e culturais, nas associações simbólicas da cidade que são principalmente influenciadas pela economia. Lefebvre, em *O direito à Cidade* (2000) diz que “sobre a base econômica do “tecido urbano” surgem fenômenos de uma outra ordem, de outro nível, o da vida social e “cultural” (p.24). Partindo desse ponto de vista, percebo que a cultura também se torna alvo da economia.

O núcleo urbano transforma-se, então, num produto de consumo de alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas da periferia e suburbanos. O núcleo sobrevive devido a esse papel: como lugar de consumo e mediante o consumo do lugar (LEFEBVRE, 2000, p. 25).

A cidade se torna um campo mercadológico e a própria mercadoria, em seu artigo, Fortuna (1997) “mas ao mesmo tempo projeta a cidade para fora de si própria, globalizando-a e torna-a simbolicamente elemento das representações emancipatórias do sujeito” (FORTUNA, 1997, p.232). Em seu artigo, *Destradicionalização e Imagem da Cidade: o caso Évora*, Fortuna (1997) traz a partir da imagem e suas tradições culturais a noção dentre vários propósitos das modificações intencionais na cidade, a visão patrimonial, que “constitui um ingrediente sensível” na articulação da construção de uma imagem e na promoção dela (p.235). Além da revalorização dos patrimônios através da correlação com as instituições responsáveis por qualificar e escolher o que seja ou não acervo cultural, diante principalmente

do que pode ser melhor usufruído no âmbito turístico e na possibilidade de divulgação da cidade, há no texto, o debate sobre a “destraditionalização” juntamente com o processo de modernização que visam agregar valores que aumentem a concorrência entre as cidades. A reorganização da identidade social e da cidade se constrói, pelo menos é a intenção, a partir de novas e melhores formas de imagem da cidade, prontas para serem usadas, divulgadas e acessadas em suas múltiplas competências.

Arantes (2009) utiliza o conceito de “patrimônio ambiental urbano”, de Bezerra de Meneses (2006), para apontar um novo olhar sobre o patrimônio urbano. Tal conceito “abarca (...) três aspectos da realidade urbana: sua condição de artefato, de campo de forças sociais e de agregado de representações simbólicas”. A noção de ambiente e patrimônio urbano vem conjuntamente como bens formadores da paisagem da cidade, tanto em seus aspectos arquitetônicos e estéticos quanto nos aspectos históricos (p.17), confluindo na definição de “patrimônio ambiental urbano”,

permite incorporar, também, os sentidos e significados atuais atribuídos a esses bens, aos valores pelos quais os habitantes das cidades reconhecem nas edificações e espaços preservados mais do que amontoados de sobras do passado, ou pano de fundo em relação ao qual a experiência social e pessoal poderiam ser indiferentes. Dito de outro modo, essa perspectiva permite ressaltar os sentidos de lugar que nutrem a experiência de habitar as cidades e o constante refazer das identidades no espaço urbano (Arantes, 2003 apud Arantes, 2009, p.17).

A requalificação histórica em prol da diversidade cultural, para Arantes também é alvo da economia e da publicidade, a reinvenção do que já é considerado importante culturalmente agrega valores para diversos grupos sociais, cria novos negócios e mercadorias. Sobre a propensão em valorizar o patrimônio enquanto recurso econômico,

É certo que mega-empreendimentos urbanísticos e turísticos se valem dessa tendência e a estimulam por vezes com consequências desastrosas. Mas é também verdade que programas de geração de renda, de consolidação de cultura pública e cidadania nutrem-se e buscam eficácia no fortalecimento de tudo aquilo que população pode fazer, com os recursos materiais e imateriais de que dispõe e acumulou nos lugares onde vive. O patrimônio é bom para o desenvolvimento sustentável das cidades, ele contribui para consolidar a cultura pública e também, por não, é bom para os negócios. Por todas essas razões, ele deve ser valorizado. O desafio que se apresenta é encontrar o ponto de equilíbrio entre essas forças, ou seja, construir a sustentabilidade da preservação, atentando para os seus aspectos simbólicos, econômicos e sócios-ambientais (ARANTES, 2009, p.19).

Uma indagação iminente sobre os usos mais lucrativos da cidade é pertinente diante das modificações pelas quais o meio urbano passa, sobretudo em relação aos agentes dessas modificações e seus propósitos frente às mudanças. O mercado da cidade é extraordinariamente concorrido, tanto para quem mantém as condições de uso ‘atuais’, sejam elas culturais, espaciais ou econômicas, quanto para quem incita as transformações, também por qualquer que seja tal motivação, e nesse confronto, alguém sai perdendo.

Os vencedores da concorrência por espaço representarão apenas uma pequena parcela dos muitos usos que geraram o sucesso conjuntamente. Sejam quais forem, o uso ou os usos que se destacaram como mais lucrativos na localidade se reproduzirão cada vez mais, expulsando e suplantando os tipos de uso menos lucrativos (JACOBS, 2009, p.269).

Jacobs (2009), em um dos capítulos de seu livro *Morte e vida de Grandes cidades*, traz uma proposta de “zoneamento com diversidade intencional “ que seria uma forma de evitar a reprodução excessiva dos usos mais lucrativos e impedir o desaparecimento da variedade de usos e serviços, em um bairro por exemplo. A manutenção dos edifícios públicos e a funcionalidade deles nos locais onde foram criados, são iniciativas defensivas contra a autodestruição da diversidade (p.280-282.). A pluralidade das atividades nos locais, evitam o esgotamento antecipado do lugar e promovem processos de alterações mais orgânicos dentro da malha urbana, mas ante as aspirações emergentes da economia, tais considerações muitas vezes aparecem de maneira a inviabilizar esse procedimento.

As modificações urbanas são imprescindíveis e abrangem variadas estruturas, assim como acontecem de formas diversas e por causas peculiares. Benéfica ou não, a mudança é própria a vida. Considerando toda a abrangência das transformações urbanas, o conceito que é bastante utilizado para as discussões é o de ‘*gentrification*’, utilizado pela primeira vez em 1964 pela socióloga Ruth Glass (RUBINO, 2009, P.24.). O termo inglês *gentrification* “diz respeito ao processo pelo qual uma área que antes habitada por pessoas pobres, é alterada pela população mais abastada que passa a viver ali, o que resulta em um aumento do valor imobiliário e a mudança da população original” (ZUKIN, 2000, p.83).

O termo melhor traduzido para esse conceito é ‘*enobrecimento*’ segundo Rubino (2009), pois alguns termos com reabilitação, requalificação, renovação, revitalização, reordenamento, trazem dúvida a significância do conceito. Já Smith e Williams (1986) definem a “*gentrification*: como a reabilitação de casas trabalhadoras e abandonadas e conseqüentemente a transformação de uma área em um bairro de classe média” (apud RUBINO, 2009, p. 26).

Além disso Smith dá destaque para os empreendedores, para os agentes, aqueles que detêm um controle sobre o mercado. Para ele as forças do processo são mais econômicas do que culturais, a especulação imobiliária tem mais furor no processo de enobrecimento.

Já para Bridge (2001) é “ a nova classe média liberal que valoriza a preservação histórica dos centros e o consumo de mercadorias não estandarizadas”, é ela que move o processo de enobrecimento (apud Rubino 2009, p 26 e 27).

Como traz Rubino (2009) o caso dos enobrecimentos das cidades brasileiras vem se dando de outra forma, ela cita o exemplo das áreas que antes eram locações industriais e hoje se encontram isoladas e até mesmo degradadas e, pensando nessa situação específica ela indaga se não é preciso pensar num reenquadramento desses lugares para se tornarem parte da paisagem, mantendo a memória do trabalho que ali já deu vida a tal espaço, ou se é válida a designação de um que os represente frente à demolição de todo o resto (p.29). Então, “(...) é preciso perguntar se as novas operações urbanas posteriores ao “bota abaixo” podem ser chamadas de *gentrification*” (RUBINO, 2009, p.29).

Segundo Leite (2014) no Brasil,

pesquisas demonstram que gentrificação pode ser um sinônimo de revitalização, ou que este pode ser um eufemismo do primeiro, mas isso pouco tem a ver com habitação. Temos um enobrecimento dos eventos, das festas, dos usos temporários. É mais um enobrecimento vinculado ao tempo de que ao espaço” (LEITE, 2014 apud RUBINO, 2009, p.34).

Porém é no espaço que as relações de poder se estabelecem, afinal a cidade é feita de fronteiras que impedem que atores sociais considerados impróprios entrem e que são legítimos saiam (RUBINO, 2009, p. 36 e 37). Nesse processo de mudança, algo será deixado para traz em favor do novo que está por vir, seja ele simbólico ou material. As relações de poder se estabelecem com nitidez tanto nas estruturas físicas, quanto nas condutas sociais que se entrecruzam de maneira imprescindível. Apesar dessa tensão ostensiva, “ o enobrecimento não é apenas uma política de exclusão, mas uma faceta delicada das dinâmicas urbanas, uma vez que quanto mais afirma o valor e o papel da cidade, lembra que a cidade liberta apenas aqueles que sabem e podem viver nela” (RUBINO, 2009, p.37).

Diante das circunstâncias apresentadas sobre as qualidades das consequências da gentrificação, manifesta-se uma indagação, será que as cidades serão apenas palco para aqueles que detêm o poder financeiro perante a conjuntura social?

Carlos Fortuna (2009), levanta considerações sobre o “esgotamento da cidade”, sobre o que venha mesmo estar por fim, seja a forma de pensar e olhar a cidade, sobre a reestruturação urbana está na transição do que conhecemos como modelo de cidade.

O que está a desaparecer realmente não é a cidade em si, mas um determinado modelo histórico de cidade. (...) essas formas novas de cidade revelam ainda reconfigurações urbanas que não se compaginam com a morfologia, a arquitectura ou sentido político e social típico- ideal da cidade da antiguidade, da era, medieval, ou da era industrial, em torno da qual se construiu e desenvolveu aquele léxico ⁷ (FORTUNA, 2009, p. 89 e 90).

Além disso Fortuna (2009) indica sobre novos estudos que buscam reformular conceitos que abarquem principalmente os não-materiais e simbólicos-culturais das cidades pós-modernas (p.94).

A cidade é tão poli-rítmica⁸, como pode ser a-rítmica. Creio por isso que podemos admitir uma reflexão sobre a *intermitência urbana*, como hipótese de registro do movimento da cidade, que em diversas situações permite usos diversos e significados díspares dos espaços urbanos (FORTUNA, 2009, p. 95).

O tempo, o espaço, as pessoas e tudo que compões a cidade e a construção do que seja ela, muda e abre brechas para surgimentos e esquecimentos de signos e valores. O fluxo e as alterações são próprios da vida, as mudanças são “naturais” a tudo que existe, dentro ou fora da cidade, especificamente falando aqui. Os modos de vida e as possibilidades de reorganização são copiosos e proficientes, renovando-se, recriando-se, reinventando-se a físsura da ‘vida na cidade’.

O debate sobre as novas construções na dinâmica social e as transformações na e da cidade não se esgota aqui. Finalizo esse capítulo trazendo a intenção de evocar os princípios e o conhecimento produzido dentro das pesquisas sociológicas, além de trazer à tona conceitos que guiaram e fundamentaram todo o processo da pesquisa de campo. Todos os materiais selecionados nessa parte inicial do trabalho deram direcionamentos e trouxeram consistência ao debate que será conduzido durante os capítulos seguintes desse trabalho.

⁷ Léxico teórico de análise da cidade no mundo ocidental.

⁸ “Poli-rítmica” e “a-rítmica” termos baseados no conceito de Ritmanálise de Lefebvre em “Éléments de rythmanalyse. Introduction á la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse, 1992.

CAPÍTULO 2

Revelando o Cenário

Quero falar (...) das pontes pobres e tôscas, mas que tem vida própria. Se for noite de lua você ouvirá, de cima do cáis, na Avenida Rio Branco, uma canção plena de nostalgia, uma canção que falará de amor e de morte. Você pensará, talvez, que aquela música venha do fundo da terra ou do fundo do mar. Na verdade a música virá dos maloqueiros. Virá de debaixo das pontes da Cidade de Aracaju, dôce música dos infelizes, dos que não têm nada na sociedade, mas que parecem ser donos da região, donos das feiras, donos do mar, donos da capital sergipana (CABRAL, 1948).

Como diz Mario Cabral (1948), escritor da minha cidade Aracaju, é embaixo de uma ponte que sons, cores e vida revolteiam pelas ruas de um lugar. Jovens que ousam e reinventam formas de viver numa cidadela que cresce e muda todos os dias, e que muitas vezes deixam as minúcias do dia a dia seguirem sem atração, como meras coadjuvantes num espetáculo maior que o progresso proporciona. Mas disfarçado e intrincado a essa prosperidade aparecem as múltiplas possibilidades harmoniosas ou não de se estar na cidade, de fazer parte dela.

Minha pesquisa se realizou na cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe no nordeste do Brasil, que possuiu 571.149 habitantes ⁹, sendo apesar de pequena (181,857km²) ¹⁰, a mais populosa do estado, uma cidade nova, com 161 anos e no auge de alterações urbanas. Foi num dos bairros mais antigos da cidade, o bairro Industrial, que se deu uma transformação urbana grandiosa, da qual dedico mais atenção para evidenciar o propósito desse estudo.

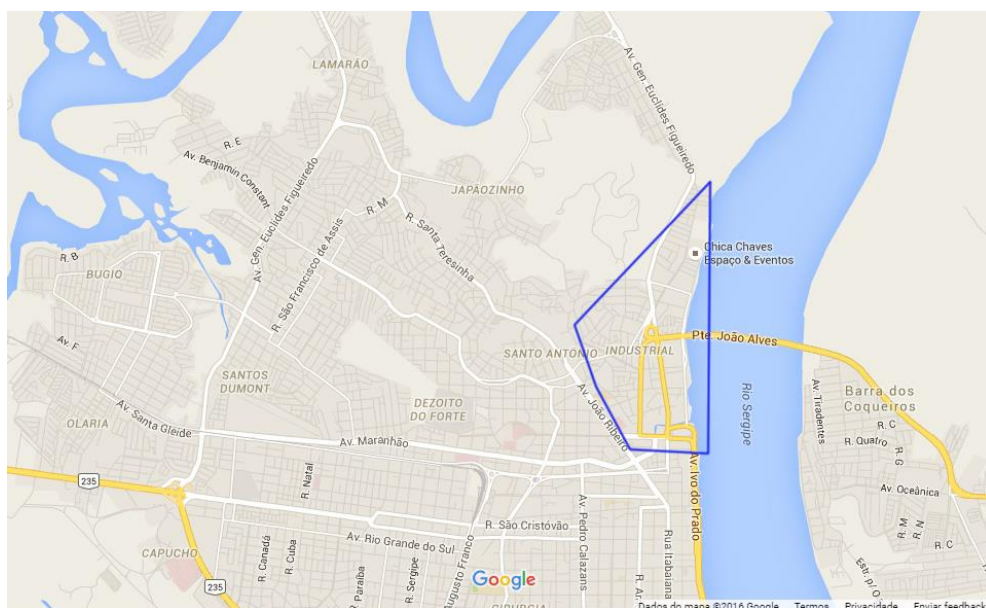
A ponte Construtor João Alves, com 1,8 Km de extensão, que liga a capital sergipana à cidade da Barra dos Coqueiros, foi construída em setembro de 2006 no bairro Industrial, em Aracaju. Os dois municípios são separados pelo rio Sergipe, à margem direita situa-se Aracaju e a margem esquerda a Barra dos Coqueiros. Com a dificuldade de deslocamento apresentada pela presença do rio entre as duas cidades, principalmente pelo fato da Barra dos Coqueiros possuir um porto marítimo desde 1985, por muitos anos e por muitas administrações municipais cogitou-se a possibilidade da construção da ponte para facilitar, principalmente o transporte de mercadorias entre o porto e a capital, além de facilitar o acesso a outros

⁹ Censo 2010.

¹⁰ Dado do IBGE.

municípios do litoral sul do estado. O que se apresenta no aspecto da demanda social e relação dos moradores do bairro com essa construção, é que se faz valorosa a investigação nesse lugar. Essas alterações físicas influenciaram na dinâmica social e na reconstrução do vínculo com o espaço, na elaboração das novas identidades, das memórias e da cultura.

Mapa 1



Google maps: Bairro Industrial (2016)

O bairro Industrial, como é conhecido desde a chegada das fabricas de tecido na cidade em 1884, possui uma população de 18.007 habitantes, com uma área de 1.7097 km², a maior parte dela constitui-se pessoas de idade entre 15 a 64 anos ¹¹. Situado ao norte da cidade, divide suas limitações territoriais com o Centro, ao sul, próximo aos Mercados centrais; com o bairro Santo Antônio, ao oeste; com o Porto Dantas, ao norte e com o rio Sergipe, a leste. Traz consigo uma bagagem histórico-cultural vasta e importante para a cidade de Aracaju, e é diante dessas realidades que debruço a minha investigação.

Desde o seu surgimento, com a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, em 1855, o Maçaranduba, como era conhecida a região onde se localiza o bairro Industrial, erguia-se “entre o sopé da colina e o rio Sergipe encontravam-se uma faixa de manguezal e outra habitada por esparsas moradias” ¹² principalmente ocupadas por pescadores. Essa extensão era zona de escoamento açucareiro, já que era o lugar mais próximo do oceano, pelo

¹¹ Dado encontrado no site população.net

¹² Relatório de múltiplos autores para uma matéria de graduação na Universidade federal de Sergipe no curso de Geografia.

rio Sergipe. Um ano antes da mudança definitiva da capital, para praia do Aracaju, o Presidente da província Inácio Barbosa transferiu a sede dos Correios e instalou uma subdelegacia na região, se fazendo necessário aterrar uma via, onde hoje é a Av. João Ribeiro, para facilitar o deslocamento na nova capital. Frente a essa situação outras habitações, becos e ruelas foram surgindo na região (GRAÇA, 2005, p.28-30).

Desde o surgimento propriamente dito de Aracaju como nova capital e a construção do centro da cidade, o bairro ficou fora do projeto urbano, fora do “Quadrado de Pirro”, como ficou conhecido o trabalho feito pelo engenheiro Sebastião Basílio Pirro que idealizou o centro da cidade de Aracaju fazendo alusão a um tabuleiro de xadrez. O bairro Industrial já tinha seus limites e fronteiras bem delimitados fisicamente e socialmente, aparentemente desde a fundação da capital. No decorrer do desenvolvimento, o centro se tornou o núcleo político administrativo da cidade e o bairro, na década de cinquenta chamado de Chica Chaves, que foi “uma simpática mulata” muito querida pelos moradores das proximidades que faziam alusão ao local onde ela morava, hoje o bairro Industrial. Não se sabe ao certo sobre a existência dessa personagem lembrada, há somente um registro bibliográfico um livro chamado Diário de Chica Chaves, de Nobre Lacerda que é uma obra de ficção (GRAÇA, 2005, p.153). Não se sabe quando, mas passou a ser um lugar de veraneio da parcela mais abastada da sociedade aracajuana com suas grandes propriedades à beira da prainha. Transformações intensas e significativas, sobretudo para a economia da cidade, se deu com a chegada das fábricas de tecido a essa região, A Sergipe Industrial e a Fábrica de Fiação e Tecelagem Confiança foram as indústrias que tiveram papéis importantes na configuração do bairro.

Thales Ferraz um dos administradores da Sergipe Industrial teve uma significativa distinção na história local pois foi idealizador e criador de uma área de cultura e lazer para os operários das fábricas. O Parque Sergipe Industrial foi o primeiro complexo cultural da cidade, nele, além de quadras de esportes, tinha cinema, teatro, palco para apresentações musicais, entre outras atividades disponibilizadas para os operários (GRAÇA, 2005).

A fábrica de tecidos Confiança, também interferiu no desenvolvimento urbano do bairro, construindo casas populares para abrigar os operários, surgindo assim a Vila Operária. Com a iniciativa de Sabino Ribeiro, proprietário da fábrica, também foi criada uma policlínica, creches e escolas, além da bastante conhecida agremiação de futebol, a Associação Desportiva Confiança, que perdura até hoje como uma das mais importantes instituições esportivas do estado (GRAÇA, 2005).

Por muitos anos, os trabalhadores das fábricas constituíram a população do então bairro Industrial de Aracaju, e por mais de cinco décadas essa foi a característica social, econômica e espacial do lugar. Entre os anos de 1970 e 80 houve um grande aumento de construções de conjuntos habitacionais, que geraram crescimento da população do bairro e modificações em suas dinâmicas sociais. Outro fator de agitação foi a ida de grandes empresas para esse distrito, como a Construtora Celi e da Viação Halley, e o aparecimento de empresas locais de médio porte, como a Casa do Panificador e a Distribuidora de bebidas Raimundo Juliano, que também incentivaram o desenvolvimento econômico do bairro (GRAÇA, 2005, p. 61-68).

Na década de 80 surgem novos loteamentos nas proximidades de “São Sebastião, Novo Paraíso, o conjunto habitacional João Paulo II construído para abrigar os moradores da favela da Bonfim” (GRAÇA, 2005, p.55), e outras habitações também foram construídas nas redondezas, incentivadas pela COHAB-SE (Companhia de Habitação Popular de Sergipe). Os espaços vazios aos poucos foram sendo ocupados, e o bairro se ampliando e modificando junto com suas características sociais.

A orlhinha do bairro Industrial sempre foi um lugar de lazer, preferencialmente usado pelos moradores do bairro e adjacências, poucas pessoas de outras localidades utilizavam o local para passeios ou mesmo era considerado um lugar turístico de grande potencial na cidade, apesar de existirem restaurantes modestos, porém conhecidos por aqueles que apreciavam um tipo de culinária local baseada em frutos do mar/rio. Considerados tradicionais no bairro, O Gordo Light e o bar O Sapatão, possuíam instalações simples à beira do rio.

Figura 2



Visão sul da orlinha do bairro Industrial (2016)

Figura 3



Visão norte da orlinha do bairro Industrial (2016)

Figura 4



Vista norte da orlinha do bairro Industrial (2016)

Como toda mudança traz seus prós e contras, algumas ‘modernizações’ foram feitas, algumas situações se mantiveram e outras não, por exemplo, eu uma das minhas idas observei que os pescadores que usavam a parte da orlinha depois da ponte tiveram que se deslocar para outro lugar para atracar seus barcos, pois nem todos conseguiram acesso aos pequenos píeres que estavam sendo usados como atracadouros. Os bares ganharam estruturas maiores e com mais espaço, quadras foram construídas, um centro de artesanato, quiosques, uma renovação aparente e funcional.

Figura 5



Google Street view: Orlineha do bairro industrial antes da reforma (2012)

O bairro continua a passar por constantes modificações estruturais, como a nova revitalização. A ‘Segunda etapa da orlinha’, que iniciou em 2015¹⁴ e foi entregue a população em 2016¹⁵. Em 2015 também aconteceu um fato importante ligado as transformações físicas no bairro, quando o prédio onde era a antiga fábrica Sergipe Industrial foi demolido para dar lugar a um shopping. Um fato curioso foi que a população em geral não se chocou com a demolição completa da fábrica em si, poucos enxergavam a importância da construção da antiga fábrica como patrimônio histórico e cultural, mas com a possibilidade de demolirem a capela da Paróquia São Pedro Pescador, que existia dentro das instalações da fábrica, muitos moradores prontamente fizeram um abaixo assinado para que se mantivesse a pequena igreja dentro do shopping. Já se iniciaram as obras do novo ponto comercial no bairro, e a capela foi incorporada à planta por manter o seu valor simbólico-religioso e atender as reivindicações da população do bairro¹⁶.

Embaixo da ponte

É embaixo da ponte Aracaju-Barra que emerge o ponto central de exploração deste trabalho, detive-me a tal lugar por perceber claramente um uso alternativo do espaço como estratégias de sociabilidade dos moradores do bairro, mesmo estando nas proximidades da orlinha não parece estar incluído nela, pois acontecem tipo atividades que não são vistas na orlinha, como por exemplo o frequente uso da maconha. Salvo que a população faz referência aos espaços de forma separada, a ponte e a orlinha, não como um só apesar da proximidade.

Através dessa reflexão pude ter uma visão de como o bairro, e consequentemente a cidade vem interagindo com os sujeitos que nela vivem, como os indivíduos olham, o que esperam e o que dão para ela. Dessa relação micro com o espaço embaixo da ponte, pude identificar uma relação maior ainda com a cidade, suas fronteiras e sua construção cheia de significados e representações. Foi por meio da observação das manifestações e expressões artísticas associadas às situações cotidianas que vi aflorar a vida da cidade sob uma perspectiva subjetiva e sentimental daqueles que fazem uso do lugar.

Minhas visitas iniciais ao local além de me instigarem a pesquisa de fato, me transformam diretamente como indivíduo. A escolha do objeto, inicialmente deu-se pelo

¹⁴ Dado do site do Governo de Sergipe.

¹⁵ Dado do site da Secretaria de Infraestrutura e Urbanização de Sergipe.

¹⁶ Informação encontrar na Revista Rever.

distanciamento daquela realidade, mas estar lá me mostrou a quão parecida eu me sentia, o quanto essas formas de expressão me estimularam criativa e politicamente enquanto artista, além de quebrar o mito que existia para mim, da fronteira social, do estranhamento cultural e da insegurança, se desfizeram dia a dia com a convivência sincera e o sentimento de entrega a um novo mundo. Romper a linha simbólica, ‘zona sul/ zona norte’ com a qual eu convivi por anos, me colocou de verdade como uma pesquisadora da minha própria cidade, e faço das palavras de Arantes (1997) as minhas:

Nesse espaço comum, quotidianamente trilhado, vão sendo construídas colectivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significados compartilhadas. Penso que lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros como se fossem um grande mosaico. A meu ver, sobrepõem-se e, entrecruzando-se de um modo complexo, formam zonas simbólicas de transição (...) (ARANTES, 1997, p. 260).

O uso do “espaço residual”, termo utilizado por Arantes (1997) para designar um espaço de uso frequente de manifestações sociais, mas que não possui o caráter de cenário para solenidades institucionais (p. 260); dessa construção urbana, o espaço embaixo da ponte, vem sendo utilizado para lazer, artes, formação política e interação social da comunidade e de indivíduos que frequentam o lugar, mas que não moram no bairro. Lá se encontram indivíduos agindo consciente e criticamente em relação à vida cotidiana e à convivência no bairro, que buscam apontar a importância das memórias do lugar e de políticas públicas para melhoria da vida na comunidade, que se relacionam não apenas rotineiramente, mas procuram fazer parte daquele espaço qualificando-o como deles.

O espaço embaixo da ponte hoje, é limitado por duas ruas em suas laterais, ambas as laterais como o nome Sabino Ribeiro. Da rua norte bifurcam-se 3 ruas sem saídas e perpendiculares a ela, do lado sul, existe um muro grande da instalação da indústria têxtil Santa Mônica, repleta de *Graffitis*¹⁷ em toda sua extensão. A leste passa a avenida da orlinha, Av. General Calazans, que recentemente foi ampliada, e a oeste, a Av. João Rodrigues. As vias se dispõem de tal maneira que se forma um grande canteiro retangular no meio, exatamente embaixo da rampa de saída e chega da ponte na parte de Aracaju. Nesse espaço foram construídos, uma quadra, um espaço com mesas de jogos de tabuleiro, um espaço para

¹⁷ O Graffiti é uma arte de rua (urbana) caracterizada por desenhos em locais públicos, (paredes, edifícios, ruas, etc) que surgiu na década de 70, nos Estados Unidos, na cidade de Nova York.

apresentações artísticas, com uma arquibancada e um palco, uma pista de skate e um ringue de boxe.

Essa estrutura fez parte do projeto do governo do Estado inaugurado em 2011, o ‘Complexo Esportivo Dona Finha’¹⁸, que fica no lado norte do canteiro. Hoje o complexo tem como coordenador o ex-pugilista Valter Duarte, do projeto social Punhos de Ouro¹⁹. Em todas as minhas idas a campo, só presenciei o funcionamento do centro em parceria com o projeto Academia da Cidade, da prefeitura de Aracaju, que tem com foco organizar atividades físicas supervisionadas para a terceira idade, e tem o bairro Industrial como polo da região norte da cidade. O centro também possui controle da iluminação elétrica embaixo da ponte, que nem sempre fica ligada por completo, apenas quando solicitado formalmente por meio de ofício para os eventos programados no local.

Figura 6



Complexo esportivo Dona Finha (2016).

No entorno desse canteiro, no lado oposto ao muro com as artes urbanas, tem algumas casas, principalmente nas ruas três ruas perpendiculares; o centro de esportes, e um pequeno prédio chamado Residencial Jardim Confiança, que foi construído para hospedar os engenheiros na época da construção da ponte, segundo os atuais moradores. Há controvérsias

¹⁸ Dados da Secretaria do Esporte e Lazer de Sergipe.

¹⁹ Dado do Site da Punhos de Ouro.

sobre a forma de ocupação atual, mas algumas famílias se empilham nas pequenas quitinetes, praticamente embaixo da ponte de forma bem simples. Os moradores desse condomínio são de grande importância para as atividades do evento Sintonia Periférica, pois na maioria dos eventos do qual minha pesquisa debruçou, são eles que fornecem a energia para ligação da aparelhagem de som, por que não existem pontos de energia, tipo tomadas, no local, apenas a iluminação pública controlada pelo centro de esportes.

O lugar tem características “exóticas”, comparado a outros lugares da cidade, sob as estruturas grandiosas da ponte. Nele aparecem pinturas e ‘pixações’²⁰ indecifráveis, uma linguagem peculiar sobressai das superfícies dos muros e parece tomar vida ali embaixo. O que para alguns pode parecer uma poluição visual, para outros é uma maneira de se comunicar, uma resposta à cidade, um modo de vida. “Acredita-se, porém, que o pichador não tem como objetivo poluir visualmente a cidade quando marca os muros, e, sim, afirmar sua presença em uma disputa privada por visibilidade de uma tribo urbana” (SPINELLI, 20--)

²¹. As tintas “(...) coloridas das paredes podem desvendar informações sobre a memória da cidade e a vida social que passou por ali ” (SPINELLI, 20--)²². Esse cenário se constrói e se modifica a cada dia, as cores são expressão da variedade dos usos e de indivíduos que juntos dão sentido ao lugar.

O espaço debaixo da ponte transparece ser um lugar que traz liberdade para seus frequentadores. Há uma concessão informal relativas aos horários e os usos pelos diferentes grupos de usuários. Pela manhã logo cedo tem a atividade da Academia da Cidade, início da tarde as crianças tomam conta do ambiente conjuntamente com alguns skatistas, mas no fim da tarde, quando as crianças começam a ir para casa, e mais uma turma da academia da cidade vem fazer aula de ginástica, chegam os adolescentes para fazer uso de droga ²³ e conversar. Essas práticas habituais se contrapõe frente ao dia a dia, das obrigações com a escola ou trabalho, e proporciona variadas formas de lazer e utilização do lugar.

²⁰ Prefiro usar a grafia “Pixação” por possuir uma maior representatividade no movimento de arte urbana Brasileiro, que vai além do significado básico da palavra escrita corretamente e encontrado nos dicionários, e possui características diferentes do Graffiti. Segundo o dicionário Michaelis, Pichação s.f. ato ou efeito de untar com piche; pichamento. A maneira informal de escrever pichação, vem do movimento do “Pixo” na cidade de São Paulo, que consiste em aplicar as escritas nos muros. Para melhor entender o movimento do Pixo em São Paulo e no Brasil, recomenda-se assistir o documentário “PIXO”, encontrado em (<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>).

²¹ Citação retirada de um artigo do blog graffiti.org.

²² Idem.

²³ A maconha é a droga mais utilizada pelos frequentadores do local. Obtive essa informação através do trabalho de campo e dos questionários.

O ‘Sintonia Periférica’

Para iniciar a descrição do grupo e do evento estudado, trago uma poesia feita por um dos instigadores do movimento, pois acredito que não exista melhor forma de descrever algo sem utilizar as próprias palavras de quem faz, idealiza e acredita no movimento.

“Quinta-feira
A sintonia tá no ar
Uns vem pro fomento de cultura
Outros pra observar
Arte pela vida
Pela socialização
Não basta ser artista
Juventude na revolução
Seguimento de gerações
Sem holofotes
Quando a caminhada fica difícil
Sobrevivem só os fortes

De quebrada em quebrada
Por toda periferia
Leões que fortalecem
A fé de cada correria
Embaixo da ponte
Ou então nas praças públicas
Palestras nas caixas acústicas

Pelo povo pela vida
Nosso nobre incentivo
O sonho de mudança dos manos...
Permanecem vivos!

Introspectivamente a mente”

(Luis Cesar, 2015)

O projeto “Sintonia periférica” foi idealizado por 3 jovens do bairro industrial, componentes do grupo de rap Família Milgrau, que sentiam a necessidade de criar uma atividade de lazer para a comunidade diante da realidade de violência e criminalidade que o bairro vivenciava. O grupo tomou a iniciativa perante a falta de políticas públicas que abarcassem atividades culturais e de lazer nas áreas de sociabilização do bairro. Entre os anos de 2007 e 2008, os eventos consistiam em atividades esporádicas de lazer aos domingos através do *hip-hop* na quadra da orlinha do bairro industrial, com basquete, apresentações de dança de rua, apresentações dos grupos de rap e pinturas de murais de *Graffiti*. As atividades perduraram por mais alguns anos e também foram realizadas em outros bairros, o Lamarão, e no conjunto São Carlos, no bairro Olaria ²⁴, por exemplo, onde os organizadores tinham parcerias e similaridades em termos da situação de suas comunidades. A ideia sempre foi fazer uma conexão entre as periferias da cidade, disponibilizar para as comunidades envolvidas, opções de atividades culturais e artísticas que não eram possibilitadas pelo poder público, por isso o nome Sintonia Periférica.

As atividades com o passar dos anos foram diminuindo a frequência, por falta de apoio à organização e a disponibilidade dos organizadores que também tinham outras ocupações e funções no dia a dia. Em 2014 após um fato marcante na comunidade envolvendo um dos amigos do grupo, o jovem Elvis, que foi alvejado na porta de casa durante latrocínio, o grupo reativou as atividades com uma passeata pela paz e contra a violência no bairro. A partir daí houve uma mudança na direção do grupo em relação ao evento. A nova proposta era realizar atividades que tivessem um caráter formador além da opção de lazer, que pudesse instigar uma juventude consciente na comunidade, capaz de se preservar e atuar diante das problemáticas sociais que aparecem no bairro.

Com o intuito de levar conhecimento sobre diversos assuntos e unir ao conhecimento empírico de cada um que comparece, além de manter a abertura do espaço artístico, para os grupos de rap, prioritariamente, de reggae, mas para outros tipos de artes, como a dança de rua, a poesia etc.; retomam-se os encontros periódicos em março de 2015, com um novo formato contendo apresentações artísticas dos grupos musicais e Djs, palestras sobre assuntos ligados ao cotidiano e às problemáticas da comunidade, temáticas que permeiam as realidades da juventude do bairro, como maioridade penal, violência policial, racismo, drogas, gênero; outros assuntos da cultura *hip-hop*, como o *Graffiti*, a ‘*pixação*’ e o skate, e o projeto de

²⁴ A localização desses bairros pode ser vista no mapa 3 no Capítulo 4. Lá irei discutir sobre a zona periférica da cidade de Aracaju e localizar os bairros com proximidade geográfica do bairro Industrial.

transmitir documentários e filmes, e iniciar oficinas de acordo com a necessidade dos frequentadores.

No dia 10 de março, dia escolhido por ser aniversário do Elvis, recomeçou a ocupação, e dessa vez usando o espaço debaixo da ponte. A relocação foi dada pela falta de uso do lugar, e por solicitação da comunidade que já vinha sentindo necessidade de ter atividades nesse espaço, principalmente para que as luzes ficassem acessas e se evitasse atividade criminosa no lugar, pois este estava sendo foco de furtos e esconderijo para desviantes e marginalizados.

Foi também nesse dia o meu primeiro contato direto com o grupo, antes disso tinha feito visitas ao espaço em dias com movimentação habitual. Soube do evento por um amigo que tinha conhecimento da minha intenção de pesquisa no lugar e me passou a informação. Quando cheguei já fui alvo de olhares espantados porque o evento tinha sido pouco divulgado e eu não era um rosto conhecido pela comunidade do bairro. Para além do estranhamento inicial, logo os primeiros contatos foram sendo estabelecidos e um acolhimento se deu de maneira instantânea. Por conta da minha aparência, com tatuagens, cabelos raspados, diferente do convencional, creio que o contato foi facilitado, e com pouco tempo da minha chegada, uma quantidade razoável de pessoas já tinha vindo falar comigo, apresentar-se e principalmente perguntar como eu soube do evento, já que não era moradora do bairro e nem frequentadora das atividades do *hip-hop*.

Em março, abril, maio e junho de 2015 os eventos aconteceram semanalmente as quintas-feiras, os primeiros a chegar eram os que traziam a aparelhagem de som, caixas, microfones, suportes, extensões, que prontamente eram ligadas pela energia cedida por algum morador do Residencial Jardim Confiança. O Dj que também trouxe todo seu equipamento mais cedo, e em algumas horas tudo plugou, conectou e o som começou para chamar atenção e indicar o início das atividades por volta as 18h. Enquanto o som era montado, já apareciam pessoas, habituais frequentadores, moradores ou passantes no lugar que se animavam com a movimentação. Quem tinha conhecimento do evento, começou a chegar um pouco depois e se acomodavam na arquibancada de frente para o Dj, que já tocava desde mais cedo. Algumas pessoas chegaram para comercializar lanches e bebidas no entrono do espaço limitados pelas caixas de som e pelos frequentadores que já se movimentavam, conversavam, e aguardavam a abertura oficial. Por volta das 19h, mais ou menos, os organizadores fizeram a abertura como uma breve explicação do projeto, falaram sobre a importância de se promover atividades para comunidade, pedindo o apoio dela para continuar e também sobre a importância de se realizar essa ocupação num espaço público, primeiramente pelo fácil acesso a todos que circulam no bairro, além de ser uma forma de se posicionar politicamente diante do descaso das gestões

públicas em promover atividades que transmitam conhecimento e gerem lazer e sociabilidade para todos, principalmente para a periferia. O discurso dos organizadores é bem estruturado, a maioria tem posicionamentos políticos claros, e são afiliados ao Partido Comunista do Brasil. Outra instituição que norteia as idealizações e ação do projeto é a Nação Hip-Hop Brasil ²⁵, da qual os organizadores são afiliados e ocupam cargos diretivos aqui no estado.

A palestra se iniciou com a participação de um convidado que discursou brevemente sobre o assunto escolhido. Tal escolha se deu em reuniões anteriores baseada nos principais assuntos da atualidade ligados à juventude e à periferia, e na necessidade de as comunidades observadas no dia a dia pelos organizadores e, muitas vezes os próprios frequentadores entrarem em contato com eles e sugerirem novas temáticas. A duração da conversa foi, em média vinte minutos e na sequência se abriu um espaço para perguntas ou considerações que apareceram durante o acontecimento. Em algumas edições do evento não teve palestra, mas foi exibido documentário ou filme relacionados às vivências do *hip-hop* e da comunidade.

Após a palestra costuma-se abrir o espaço para algum grupo que não estava em pauta, mas que eventualmente frequenta o lugar e se disponibiliza em se apresentar, e depois o grupo ou banda convidada realiza sua apresentação com duração de mais ou menos uma hora. Em seguida o Dj continua com o som até as 21h, que é o horário limite acordado com os moradores e liberado pela SEMA, a Secretaria do meio Ambiente, que fiscaliza e libera a utilização e o limite do volume do som na cidade.

Um outro fato que me foi informado, e que acredito valer a pena citar, é a solicitação perante à coordenação do Complexo Desportivo para a utilização do espaço debaixo da ponte para o evento. Para os organizadores não passa de uma formalidade e uma política de boa vizinhança com o centro esportivo, já que este não utiliza o espaço e nem promove atividades para a população como deveria fazer, já que foi construído para isso.

Em algumas das minhas visitas eu procurei o coordenador do complexo para fazer uma entrevista, e não encontrei ninguém além da secretária, que fica no espaço. Ela me informou que só ela trabalhava no lugar e que o coordenador ia eventualmente ao local, mas que avisaria sobre meu interesse em contatá-lo. Ela é responsável por abrir e fecha o complexo para o pessoal da Academia da Cidade, e ligar e desligar a energia quando necessário. O coordenador, Walter Duarte, esteve rapidamente em uma das edições do evento

²⁵ A Nação Hip Hop Brasil é uma entidade organizada por representantes do movimento hip-hop, com o objetivo coletivo de efetivar uma organização em rede, travar as discussões sobre as principais pautas e demandas do movimento, potencializar as ações positivas desenvolvidas por seus protagonistas e desencadear o processo das grandes lutas sociais com a efetiva participação de quem faz o hip-hop no Brasil.

com uma participação rápida na abertura, mas logo foi embora e eu não consegui, mas uma vez entrar em contato.

Os organizadores têm a iniciativa de gravar todas as edições do evento, e algumas podem ser encontradas no canal do Youtube ²⁶, que edita e organiza *teasers* ²⁷ de chamada para os próximos eventos. Essa preocupação em criar um acervo audiovisual também se estende para um informativo impresso que vem sendo construído pelo grupo. O ‘Dialeto Oxente’, contendo pequenos artigos dos organizadores e de convidados sobre política, Hip-Hop e outros assuntos, e é distribuído para os frequentadores durante o evento.

Neste ano de 2016, a proposta de se construir um circuito periférico se concretizou, e agora as atividades são feitas em dois finais de semana por mês. O novo formato acontece as atividades em três dias, sexta, sábado e domingo. Sendo na sexta embaixo da ponte Aracaju-Barra, no sábado em algum bairro que se disponibilize em se juntar ao grupo e organizar a atividade “em sua quebrada”, e no domingo na Praça da Juventude no conjunto João Alves, que é um sarau organizado pela frente feminista da Nação Hip-Hop aqui da cidade, que faz parte do município de Nossa Senhora do Socorro, que por sua vez compões a Região Metropolitana de Aracaju.

O evento ampliado possui o nome de ‘Fim de Semana do Hip-Hop’, composto pelo ‘Sintonia Periférica’, ‘De quebrada em quebrada’ e o ‘Sarau das Flores’, descritos no parágrafo anterior. No capítulo seguinte me utilizarei desse desdobramento do ‘Sintonia Periférica’ para analisar a necessidade de ampliação das ocupações em outros lugares da cidade para justificar a mobilização da juventude em utilizar os espaços públicos como uma resposta ao crescimento da cidade e à construção de um circuito periférico da cultura *hip-hop* na cidade de Aracaju, que vai além da criação de uma alternativa de lazer e arte que também existem na cidade, os outros movimentos de ocupação em pontos distintos de Aracaju.

Através das minhas visitas percebi que o *hip-hop* não aparece como estilo musical muito disseminado na cidade, mas embaixo da ponte a cultura *hip-hop* se estabelece e se reconhece, fazendo do sítio um espaço com mais liberdade comparado a outras localidades, no que diz respeito à diferença cultural, seus fenótipos representativos e as características de um estilo de vida ligado a esse tipo de música. É nesse espaço que os jovens mostram suas visões de mundo através da arte, nas paredes pintadas, nas rimas lançadas, na ação diária de resistência e sobrevivência.

²⁶ <https://www.youtube.com/user/OTERPSE> . Perfil aberto no site do Youtube. Acessado em 16/03/2016 às 17:01.

²⁷ Pequenos vídeos publicitários que auxiliam na divulgação de produtos ou serviços. Uma mídia comumente usada na internet.

Figura 7



Arquivo do evento: Sintonia Periférica, 2015.

Figura 8



Arquivo do evento: Sintonia Periférica, 2015.

Figura 9



Arquivo do evento: Sintonia Periférica, 2015.

CAPÍTULO 3

Caminhos metodológicos

Os caminhos metodológicos utilizados para conduzir e estruturar essa pesquisa foram baseados principalmente no roteiro que Malinowski (1961) destacou em seu trabalho *‘Os Argonautas do Pacífico Ocidental’*, no qual logo na introdução ele descreve a melhor forma de organizar os métodos que serão utilizados no recolhimento do material etnográfico. Primeiramente a investigação deve ser guiada pelos objetivos científicos da pesquisa; o pesquisador deve viver entre os nativos e construir um diário de campo, para que através da observação participante se tenha uma melhor qualidade nos dados que serão recolhidos, além de uma boa organização e manipulação dos registros do trabalho de campo (p. 17-38).

Diante da característica específica dessa pesquisa ter sido realizada no ambiente urbano, se fez necessário também utilizar outro suporte metodológico para conduzir a etnografia, onde se pudesse dar um foco nos atores sociais e suas práticas culturais dentro da dinâmica e do espaço social, e para além das características e problemáticas das cidades pós-industriais. Para essa assistência, Magnani (2002) trouxe subsídios importantes para construção das categorias que serão analisadas no quarto capítulo, bem como fundamentação para a etnografia realizada através das práticas do cotidiano.

Esta estratégia supões um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (MAGNANI, 2002, p. 18).

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica, mas é capaz de identificar, descrever e refletir os aspectos dos indivíduos e suas práticas dentro do espaço da cidade. É uma forma de olhar para a cidade “de perto e de dentro” dela. (MAGNANI, 2002, p. 15- 19).

Os procedimentos metodológicos envolveram além da etnografia e observação participante, a construção de um diário de campo que foi utilizado na descrição do espaço, na descrição do grupo estudado e na análise de dados; a investigação documental para confirmar dados utilizados durante toda a pesquisa, principalmente relativos a censos e datas de atividades de reurbanização; a pesquisa bibliográfica do primeiro capítulo constituída

principalmente de livros, artigos de revistas especializadas, sites etc. que embasaram a fundamentação teórica e a utilização de conceitos. Foram também realizados alguns registros de imagens e análise de material áudio visual produzido pelo grupo ao qual tive acesso por meio de rede social (*on line*).

Utilizei como instrumento um questionário, em anexo, que foi formulado por mim para retificar possíveis suposições oriundas das observações do trabalho de campo e que deram origem a categorias que foram analisadas posteriormente. Participaram desse procedimento 41 frequentadores, de ambos os sexos, sem restrição de idade. A aplicação foi realizada somente em um dia para que não acontecesse de algum frequentador ou frequentadora ser entrevistado mais de uma vez, já que a identificação pelo nome não foi escolhida por mim.

Como atenta Figueiredo (2000):

O trabalho de campo envolve muitas ambigüidades e contradições, num movimento dialético contínuo, onde a teoria é de grande utilidade para elucidar conceitos e procedimentos. Cada experiência em campo é uma experiência nova e as teorias são testadas e reinventadas na prática. Bem como os conceitos são adaptados e recriados atendendo as novas realidades observadas (p.7).

Com o objetivo de complementar os dados desse questionário, realizei duas entrevistas com os organizadores e com dois frequentadores do evento Sintonia Periférica²⁸ que se mostraram mais abertos à participação da pesquisa. Por questões de concomitância de tarefas diárias, tanto minha como deles, somente uma entrevista foi presencial e outras realizadas através de correio eletrônico. De maneira que as diretas, foram semiestruturadas por que tiveram abertura para novas perguntas fundamentadas na resposta da questão anterior; e as entrevistas enviadas por correio eletrônicos, foram estruturadas e não houve replica a partir das respostas. Tal material foi utilizado para narrar a história do grupo além de auxiliar nas informações sobre o bairro e o espaço, na perspectiva dos sujeitos observados.

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois se busca compreender o mundo das experiências e das ações humanas dentro do contexto social. O que se produziu foram conhecimentos sobre um fenômeno cultural do contexto urbano num bairro da periferia de Aracaju a partir da interpretação das observações feitas por mim e das falas dos frequentadores e organizadores da manifestação cultural utilizada como objeto de pesquisa.

²⁸ Evento que foi descrito no capítulo anterior.

Também se caracteriza como quantitativa pois foram utilizadas modalidades estatísticas para compor a análise de dados.

Para análise de conteúdo, foi utilizado o esquema proposto por Magnani (1998; 1999), através da observação em campo, criação de categorias e descrição e interpretação do material recolhido. A cruzamento dos dados foi feito através da revisão bibliográfica e das informações que emergiram dos dados coletados através de observação, questionário e entrevistas.

As visitas a campo foram feitas entre às 17h e 20h, nas quintas-feiras, enquanto o evento aconteceu nesse dia da semana, e depois nas sextas-feiras quando ocorreu a associação do evento Sintonia Periférica ao Fim de Semana do Hip-Hop. Nessas visitas eu levava o diário de campo, no qual faz anotações que julguei necessárias na obtenção de respostas e de ressalvas diante dos questionamentos iniciais do projeto de pesquisa. Normalmente me sentava na arquibancada junto a maioria deles para ter uma visão ampla do espaço onde acontece o evento, e quase todas as vezes fui sozinha, porque achei importante.

Em todas as minhas idas a campo, informalmente no decorrer do evento se estabeleciam conversas despretensiosas, mas que sempre levavam a indagações posteriores relativas ao que seria analisado e discutido. Durante todo o tempo da pesquisa a maioria dos frequentadores se mostrava muito aberta à participação e ao diálogo, além de interessada sobre os assuntos que eu poderia abordar em relação à atividade.

Reunidas as informações necessárias, foi possível estabelecer relações entre cidade, juventude e ocupação de espaço público revitalizado, bem como compreender as especificidades que marcam a organização das ações do coletivo enquanto modos de resistências às intervenções urbana e à sua interferência na construção de identidades e subjetividade.

No capítulo seguinte irei discutir através dos materiais citados aqui, as principais questões que surgiram durante todo o trabalho, utilizando a etnografia e as bases teóricas exploradas no primeiro capítulo para desenvolver uma argumentação acerca das temáticas propostas nessa pesquisa.

CAPÍTULO 4

Análises e discussões

Quando decidi pesquisar o que acontecia embaixo da ponte do bairro industrial, tinha uma vaga ideia do que acontecia ali para além da estética e da aparência física, dos *graffitis* e das “pichações”. Algumas vezes passei de carro ou bicicleta, sem pretensão alguma, e via aquele espaço cheio de quadra para esportes, algumas mesas de jogos, até mesmo um ringue de luta, e sempre me perguntei o porquê de todo esse aparato.

A paisagem da ponte vista de longe do bairro Industrial chama a atenção, pela imponência, de quem olha para o lado norte da cidade, mas quando se chega perto dela surge uma sensação de discordância com o resto do ambiente. O antagonismo dos pilares de sustentação da ponte entra em conflito visual com a arquitetura das outras construções do entorno, como se em algum momento tivessem aberto um buraco no bairro e a encaixado, ficando nítida a discrepância entre o antigo e o novo, entre o que já estava ali há algum tempo e o que não estava. Essa primeira impressão e sensação de desarmonia me impulsionou para o projeto de mestrado e então pude fazer desse lugar, desconhecido para mim, um campo de pesquisa.

A reorganização estrutural, a adaptação à construção, as práticas cotidianas, as manifestações artísticas, os personagens exóticos e os de destaque dentro da dinâmica social e as suas relações com o espaço, apresentavam-se de maneira expressiva a cada visita. Ali eu pude ver a história do bairro e da cidade, a reação das pessoas que moravam, das que passavam ou visitavam o lugar, alguns comportamentos delas em meio ao movimento da cidade e seus processos de reurbanização através das diversas formas de manifestações que se evidenciavam.

Mesmo assim, a sensação de estranhamento e o receio de minha parte, diante da clara diferença das realidades permaneciam, acompanhada pelos questionamentos sobre se conseguiria ir lá sem me sentir incomum, ou amedrontada, ou de não ser aceita pelas pessoas que seriam fundamentais para realização dessa pesquisa. Além dessa insegurança frente estas questões que iriam se estabelecer nesse contato, ainda havia um outro motivo, o perigo que o bairro demonstrava para pessoas de outras localidades da cidade, como eu. Houve também a influência da relação de periculosidade gerada entre bairros periféricos e outras localidades da cidade, especialmente aquele lugar embaixo da ponte.

Diante de tais implicações e incertezas nesse início, criei uma alternativa para o meu medo inicial de ir sozinha e marquei um encontro com amigos. Cheguei bem antes do horário que eu havia marcado, circulei um pouco sozinha pela orlinha que fica próximo a ponte. Fiz um lanche num dos restaurantes à beira do rio, e percebi que tinham muitas pessoas na porta de um galpão com um letreiro grande escrito ‘Alma Viva’, que só em outro momento tive conhecimento que é uma empresa de telemarketing. Muitos carros e motos, um fluxo grande de gente saindo e entrando, eu não fazia ideia de que essa empresa era tão movimentada e que se localizava lá no entorno da ponte. Observei por alguns instantes aquele aglomerado e segui para o ponto de encontro. Durante todo meu processo de trabalho, não percebi nenhuma interação dessas pessoas que trabalhavam nessa empresa com o ambiente da ponte.

Foi chegando a hora e os meus amigos apareceram, ficamos num bar chamado ‘Iemanjá’, que fica bem no fim da orla e no início do canteiro central embaixo da ponte, dali pude ver o que acontecia embaixo dela, num horário diferente do que eu costumava passar, e resolvendo de maneira pontual a minha frouxidão.

Nesse primeiro dia percebi que poucas pessoas circulavam no espaço à noite, parecia uma praça pouco iluminada e quase sem movimento, só a luz da parte leste da ponte estava ligada, para iluminar a avenida que dá seguimento a orla. A fraca luminosidade parecia intimidar mais ainda a ida ao lugar, mas mesmo assim, dado um tempo sugeri irmos lá embaixo, sendo ali sentada no ringue de boxe que conheci ‘Carequinha’, vestido somente com uma bermuda, descalço e aparentemente andando sem direção quando nos viu e logo puxou uma brincadeira; ele cantava uma música e nós continuávamos. Ele cantou mais algumas e contou sobre ser bastante famoso na redondeza, que se apresentava toda semana no bar ‘O Sapatão’, um dos bares mais conhecidos do bairro que está fechado há alguns anos, e por não ter mais onde cantar, ele cantava na rua para as pessoas. Após algumas canções ele saiu em direção à orla e nunca mais o encontrei em minhas visitas a campo.

Enquanto meus amigos ficavam ali conversando, peguei a minha bicicleta e segui pelo canteiro embaixo da ponte, com um olhar curioso e muitas questões que nortearam a pesquisa se apresentaram. Durante algumas voltas pelo espaço, percebi que o que me amedrontava eram meus valores e minhas concepções e não o ‘campo’; todo o receio inicial com relação à aceitação das pessoas e o medo de fazer uma etnografia sobre aquele lugar, foram dali para frente diminuindo.

A fala do ‘Carequinha’ sobre o fechamento do bar ‘O Sapatão’, fez-me pensar sobre as transformações urbanas, principalmente em locais periféricos da cidade. Como citei no capítulo anterior, a orlinha passou por uma revitalização há mais de dez anos atrás, e não

foram localizadas informações de como essa transformação tinha afetado a vida das pessoas que usavam a orlinha antes da revitalização. Toda modificação acarreta alterações, nesse caso principalmente para aquelas que envolvem o turismo, mas também para comunidade do bairro, como iluminação pública e melhores instalações no local de lazer e sociabilidade e etc., mas dificilmente alterações físicas como essa são feitas através de uma investigação junto com a comunidade avaliando também as dinâmicas sociais e os usos do local.

Grande parte das obras que acontecem nessa cidade - arriscando dizer que toda, transforma-se sem debate, investigação e assistência à comunidade. Tendo como exemplo os pontos comerciais que se estabelecem após a reforma e a dificuldade de adaptação ao novo modelo. Através de estabelecimentos físicos maiores, como o bar O Sapatão, que necessitam de maiores investimentos e manutenção, um custo alto que difere da realidade anterior, muitas vezes inviabiliza a continuidade das atividades desses pequenos comerciantes a nova situação do lugar.

O que percebo enquanto moradora da cidade, é que em Aracaju as transformações são em prol da cidade como entidade maior, colocada à frente das pessoas, sendo mais importante a estrutura física com boa qualidade e exuberância do que funcionalidade para a população. Tudo sem muita cautela com as dinâmicas sociais, com a história, e até mesmo com a questão ambiental. Acredito que tais circunstâncias não sejam exclusividade da capital aracajuana, e sim uma característica constante diante do modelo de organização pública, estrutural e do sistema político do qual fazemos parte.

A partir daí toda informação colhida era útil para pesquisa, as conversas com amigos sobre a ponte, as visitas com maior regularidade, sendo assim a primeira questão foi aos poucos respondida. O que acontecia embaixo da ponte foi aparecendo, o espaço incorporado no dia a dia das pessoas que moravam, praticamente embaixo da ponte, os acontecimentos de artes, festas e esportes, o movimento do trânsito, o funcionamento daquele lugar nas movimentações do cotidiano.

Ao longo dessa pesquisa outros movimentos de rua apareceram na cidade, diversas manifestações de ocupação do espaço público como palco de apresentações artísticas, me fazendo perceber que a cidade vivia um momento intenso e o quanto tais práticas de ocupações urbanas vinham se tornando representativas para a vida social.

Através das entrevistas pude perceber que o grupo que organiza o evento do qual foquei essa pesquisa, Família Milgrau junto com a Nação Hip-Hop, já atuava nesse tipo de manifestações antes das novas que surgiram nos últimos anos. Acredito que o meu desconhecimento se dava principalmente pelas fronteiras socioeconômica e culturais

demarcadas pela organização da cidade, percebi que certas localidades, como o bairro e o grupo da minha pesquisa, já elaboram maneiras para realizar atividades de lazer e festas nas suas proximidades principalmente por conta da falta de políticas públicas que abarquem essa questão, além dos estilos musicais e das dinâmicas das festas que são diferentes das festas em outros locais de cidade das quais prevalecem a cultura de massa e o estilo musical hegemônico.

Diante dessa fragmentação da cidade, da distribuição de pontos de festas delimitados em áreas diferentes de acordo com o estilo musical, ou a relação estabelecida entre estilo musical, classe social e o lugar da cidade, retomo um pouco a ideia de Burgess (1925), já citado no primeiro capítulo, sobre o zoneamento nas cidades, categoria que o autor utiliza para apresentar tal zoneamento é relativa ao deslocamento do lugar onde se mora ao trabalho, a zona de maior importância e efervescência relacionadas a produtividade comercial e administrativa da cidade, onde as pessoas se deslocam para o exercício dessas funções. Busco olhar para uma categoria diferente, a do lazer ou do tempo livre, em que as pessoas comparecem aos eventos culturais, apresentando um movimento também diferente. Foi através dos questionários que pude constatar que os jovens buscam lugares mais próximos de onde moram para se divertir, e que normalmente o estilo musical escolhido por eles corresponde a mesma zona da qual residem.

O bairro Industrial faz divisa com o centro da cidade, e conforme mencionei no capítulo anterior, fica fora do tabuleiro de xadrez do qual Aracaju foi projetado. Essa proximidade não trouxe para ele prestígio algum, pois com a vinda das fábricas e ao seu regime de trabalho, os trabalhadores foram incentivados a morarem próximos a seu trabalho e com isso o bairro se formou a partir dessa migração e fixação de operários que vinham de várias partes do estado para compor a mão de obra fabril.

Apesar de não ser considerada um grande centro urbano, Aracaju apresenta características a seguir descritas por Magnani (1998),

as populações dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos são em sua maioria constituídas por trabalhadores de baixa renda, de origem rural recente ou remota, inseridos de diferentes maneiras no aparelho produtivo capitalista, sujeitos à ação dos *media* – membros, enfim de uma sociedade complexa, nela ocupando, não sem conflitos, os últimos escalões da estratificação social (p.29 e 30).

Mesmo com o fechamento das grandes fábricas de tecido, o bairro parece ter mantido as características de ser composto por trabalhadores de vários setores, principalmente do comércio e de atividades informais.

Há algumas décadas os centros das cidades brasileiras vem se esvaziando, e uma das consequências desse processo é a monofuncionalidade do bairro, que se torna quase que unicamente comercial, perdendo a representatividade e o simbolismo que outrora possuía na história e na dinâmica social (SILVA, 2009, p.5). O centro de Aracaju se configura dessa forma, não existindo uma “vida cultural”, ou mesmo noturna, como atrativos de lazer para serem usados nesse espaço. Outra consequência da monofuncionalidade é o horário de funcionamento dos poucos espaços de cultura que ainda restam no centro, como alguns museus e cinema, que seguem o horário comercial e dificultam a participação dos trabalhadores nesses espaços. O centro de Aracaju chama atenção, por ele ser ainda uma área de fácil acesso para o transporte público e não ter sido olhado, de maneira rentável, pelas empresas imobiliárias como um lugar de forte investimento, ou pela classe artística como lugar de inovação cultural, charme e história, como aconteceu noutros casos de *gentrification* em muitas cidades do mundo.

Junto ao coletivo Maré-Maré, do qual fiz parte enquanto artista, participei de uma atividade programada numa segunda à noite no centro, mais especificamente na praça Fausto Cardoso, local onde acontecia as intervenções do coletivo. A proposta era entrar em contato com os trabalhadores que saiam no fim do expediente, por volta das 17h, através das atividades de cinema, música e roda de conversa e observar a reação e o nível de participação em relação a oferta dessas atividades. Alguns dos que pararam para perguntar o que acontecia tinham intenção em participar, mas por conta do transporte não permaneceram; perguntavam qual seria a frequência pois no momento não tinham se planejado para ficar, e os que ficaram foram jovens que estudavam nas escolas das proximidades. Durante conversas paralelas as atividades, alguns comentaram como estava sendo interessante a iniciativa porque o centro vinha sendo excluído de atividades que pudessem acontecer a noite, primeiramente pela ideia construída sobre o perigo que o centro apresentava para aqueles que não circulam por lá, além de ser local ocupado por moradores de rua e usuários de droga, o que reforça a ideia do perigo. Tentamos através do cortejo musical convidar os moradores de rua e usuários que estavam nas imediações, mas nessa primeira tentativa não conseguimos.

Além de nós, somente um lugar que pelo dia é um lava-jato e à noite se transforma num “boteco”, com churrasquinho, música e venda de bebida alcoólica, funcionava até mais tarde, por volta das 20h. A feirinha da praça da Igreja Catedral, que fica atrás da Fausto Cardoso se encerra junto como o expediente por volta das 18h:30, o Museu Palácio Olímpio Campos, situado na praça que fizemos a atividade, encerra às 17h; alguns ambulantes,

principalmente os que vendem comidas, se estendem um pouco mais dependendo do movimento de pessoas nos arredores da praça.

Através dessa experiência exponho um pouco do que falei com relação a funcionalidade do centro para atividade de lazer e “vida noturna”. Acredito que por intermédio da atividade, percebi que se houverem iniciativas, estímulos, incentivos para uso, o centro pode ser ressignificado e utilizado culturalmente como mais um espaço da cidade com acessibilidade para as pessoas que moram lá, moram perto ou mesmo quem queira se deslocar até lá.

Os locais de lazer em sua maioria na cidade, ligados à festa, são privados, dificultando tanto o artista, que pode não ter um estilo musical rentável para o proprietário do local; quanto para o espectador, que precisa investir, além dos gastos básicos, também em seu próprio lazer. A ocupação de espaços públicos como lugar para apresentações artísticas, portanto, tem sido uma saída principalmente para alguns estilos culturais alternativos, relativos a música principalmente, que não acham espaços favoráveis para suas apresentações nos locais privados, mas também como uma posição política em relação a maneira como a cidade vem reorganizando seus espaços de sociabilização, cultura e especificamente em festas.

Durante minhas visitas também a outros eventos pude perceber que a principal diferença entre eles, os de ocupação de espaço público na periferia e os eventos da classe média, é a escolha do lugar na cidade. Ambos parecem ter total consciência política sobre a ação de interagir com o espaço público, pelo menos aqueles que organizam têm essa proposta de manifestar seu posicionamento com relação as mudanças da cidade e consequentemente as mudanças das relações sociais. As escolhas feitas pelos grupos da periferia que atuam através de manifestações como essas, parte da proximidade desse ponto com a maior das pessoas que participam, normalmente praças do bairro. Já os grupos de classe média escolhem os lugares representativos historicamente ou turísticos, como a Orla da cidade, a praça Fausto Cardoso, o Viaduto do D.I.A.

Outra questão que Burgess toca é o aparecimento de novos centros, ou centralizações em regiões específicas da cidade, assunto que apresentei no primeiro capítulo, no qual o movimento de centralização e descentralização gera o aumento do aparecimento de sub-centros em zonas diferentes do centro “oficial” da cidade, que não chegam a representar um “renascimento” do bairro, mas aponta a formação de um polo dentro da unidade econômica que a cidade representa. O bairro industrial pode se encaixar nesse quesito, pois, nos últimos anos com as revitalizações, e agora mais recente com a construção do Shopping, cria um novo centro para as áreas que são consideradas periféricas na cidade, consequentemente fazendo

com que as pessoas tenham maior facilidade de acesso a esse centro do que a outro, intensificando mais ainda as fronteiras culturais, sociais e espaciais na cidade, mantendo a população periférica circulando nesses sub-centro e intimidando a livre circulação pela cidade, principalmente nos sub-centros monopolizados pelas elites. Um questionamento que esta pesquisa é até que ponto o aparecimento de novos centros prejudica ou auxilia por exemplo na administração pública e na relação, tanto estrutural como afetiva, com a cidade e principalmente entre as pessoas, até onde esse afastamento pode ou não melhorar a vida na cidade.

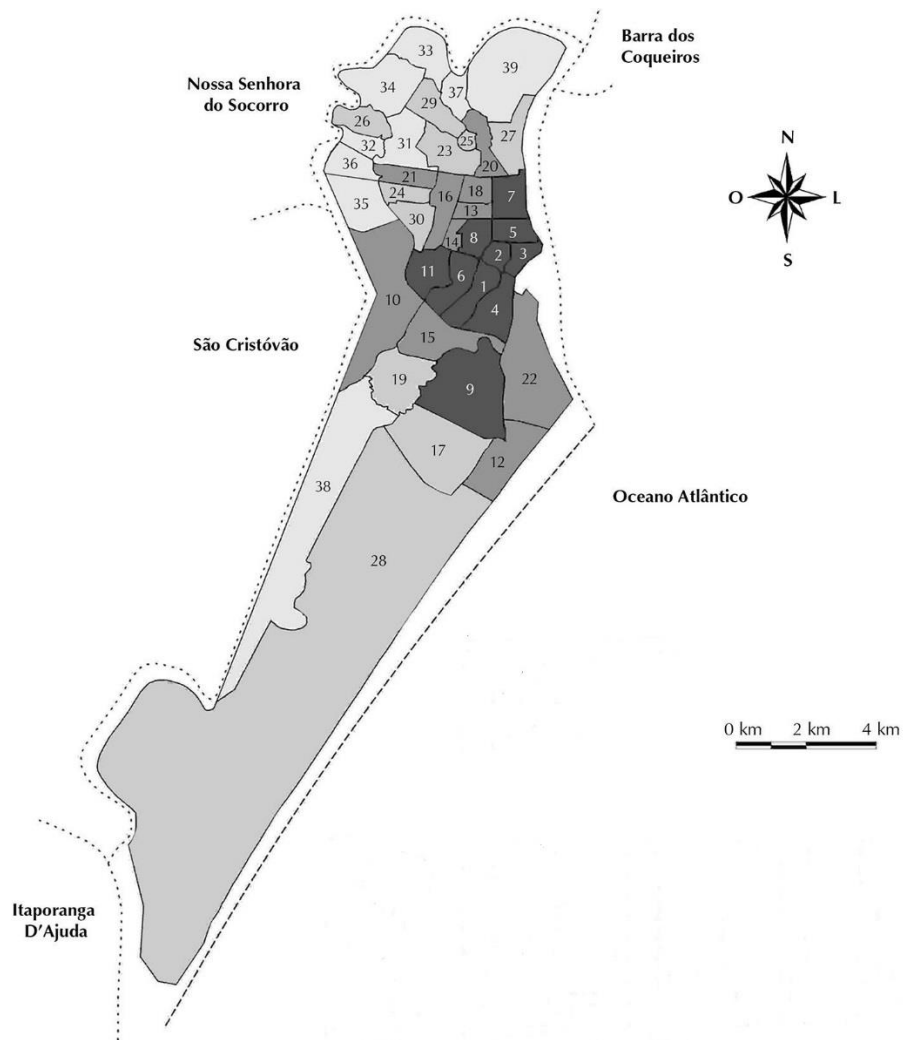
Dentro de todo esse processo de centralização/descentralização e fronteiras da cidade surgiu uma questão referente ao local de moradia e descolamento desses jovens até o evento na ponte do bairro Industrial. O crescimento da cidade traz dificuldades na questão do transporte, porque quanto mais a cidade aumenta se faz necessário ter maior oferta de linhas e horários disponíveis para utilização deste, também em momentos como os de lazer. Detectei que os participantes vêm de localidades próximas ao bairro, mas a sua grande maioria é morador do próprio bairro.

Outros bairros que são residência dos participantes são Siqueira Campos, 18 do Forte, Centro, Santos Dummont, Bugio, Lamarão, Santo Antônio, Conjunto Coqueiral no Porto Dantas, todos no município de Aracaju. Alguns vêm do município do outro lado da ponte, da Barra dos Coqueiros, e do município vizinho de Nossa Senhora do Socorro onde ficam os conjuntos Fernando Collor e Marcos Freire 1 e 2. Esses bairros são mais próximos da capital, mas pertencem a outros municípios e fazem parte da região metropolitana de Aracaju, pode-se perceber que todos os bairros de onde saem os frequentadores do evento se localizam na parte norte da cidade, da qual é considerada a periferia da cidade.

Segue uma lista dos nomes dos principais bairros de Aracaju numerados no mapa abaixo dela:

- | | | |
|------------------|---------------------|-----------------------|
| 1- Gragerú | 14- Pereira Lobo | 27- Industrial |
| 2- Salgado filho | 15- Inácio Barbosa | 28- Mosqueiro |
| 3- 13 de Julho | 16- Siqueira Campos | 29- Cidade Nova |
| 4- Jardins | 17- Aeroporto | 30- América |
| 5- São José | 18- Getúlio Varga | 31- Santos Dumont |
| 6- Luzia | 19- São Conrado | 32- Jardim Centenário |
| 7- Centro | 20- Santo Antônio | 33- Lamarão |
| 8- Suissa | 21- José Conrado | 34- Soledade |
| 9- Farolândia | 22- Coroa do Meio | 35- Capucho |
| 10- Jabotiana | 23- 18 do Forte | 36- Olária |
| 11- Ponto Novo | 24- Novo Paraíso | 37- Japãozinho |
| 12- Atalaia | 25- Palestina | 38- Santa Maria |
| 13- Cirurgia | 26- Bugio | 39- Porto Dantas |

Mapa 3



(CARVALHO et al, 2015, p4): Distribuição espacial dos bairros de Aracaju (editado)

O meio de transporte mais utilizado pelos participantes para chegar ao lugar é feito através do transporte público. Outra grande parte, por morar no bairro onde o evento acontece, se deslocam a pé até ponte. Os que utilizam transporte particular para se deslocar, optam por bicicleta e moto. A minha curiosidade em relação ao transporte, além de vir conjuntamente com a localidade de origem dos frequentadores, se deu durante minhas observações, por perceber que não tinham muitos carros estacionados nas redondezas o que demonstrava que

os frequentadores utilizavam ou o transporte público ou um meio alternativo para chegar lá. De antemão supus que a bicicleta seria o meio de transporte mais utilizado, mas foi durante a aplicação dos questionários que percebi que não, e então a questão sobre o transporte foi adicionada durante a aplicação. Saber de onde vêm e como vêm, interage diretamente com a temática discutida previamente sobre as zonas e os deslocamentos dentro da cidade e sua relação com o transporte, mais precisamente o público.

A problemática do transporte público que não é gratuito e sua precariedade não é um atributo único de Aracaju. Por todo o país essa questão é sempre pautada dentro dos grandes problemas sociais da vida urbana. As limitações e dificuldades em se deslocar pela cidade afetam diretamente a maneira como as pessoas interagem com ela e entre si, e principalmente aquelas que não possuem condições de ter um transporte particular, sendo elas as de nível social mais baixo e que normalmente residem na periferia.

Em entrevista com um dos organizadores do Sintonia Periférica, descobri que um dos motivos da escolha do horário da festa é também para viabilizar a utilização do transporte público em segurança. O horário entre as 17h e as 22h viabiliza a utilização desse meio de transporte dentro da oferta de horário de funcionamento, além de combinar com o fim do horário comercial, do expediente para quem trabalha e quer participar das atividades ali realizadas.

Outra motivação de investigação que surgiu foi sobre quais eram as ocupações dos participantes, no sentido de obrigações referentes ao dia a dia; se trabalhavam, estudavam, as duas coisas ou até mesmo nenhuma delas, na relação direta com os momentos livres e o lazer.

A maioria deles está na escola, e só estuda, mesmo não estando no ano letivo correspondente à sua idade; muitos deles estão atrasados por motivos dos quais não tive acesso à informação. A relação com a instituição escolar aparece na fala de um dos organizadores entrevistados como um papel importante na vida dos jovens da comunidade do bairro. Ele ressaltou que muitos abandonam a escola por necessidades financeiras, e acredito que os atrasos letivos sejam também por esse motivo. Não investiguei a fundo o motivo da discordância entre a série escolar e a idade e porque esses jovens vêm estendendo o seu tempo escolar, pois não tive oportunidade de caminhar nessa direção dentro dessa pesquisa.

Um dado que me chamou atenção foi o fato de nenhum dos jovens entrevistados possuírem ensino superior completo, mesmo tendo idade suficiente para a conclusão. Somente sete deles estão cursando o ensino superior e a maioria continua no ensino fundamental, o que comprova que ainda hoje nas áreas periféricas o acesso à faculdade é muito limitado. O sistema escolar, acredito que tanto o fundamental como o superior, contribuem para

reproduzir os privilégios dentro da sociedade, manipula aspirações e modifica a qualidade social daqueles que detêm a titulação gerando expectativas diante do futuro (BOURDIEU, 1978, p.114-117).

Em uma aplicação do questionário surgiu uma resposta bastante interessante com relação a ocupação, quando em uma das conversas uma jovem me respondeu que sua ocupação era ser mãe em tempo integral, sendo sua ida ao evento motivada pelo trabalho, mesmo ali sendo um lugar no qual ela escolheria para se divertir porque precisava aumentar sua renda. Ela é uma das poucas que ingressou no ensino superior, e que provavelmente precisou interromper os estudos para executar agora a função materna. Os motivos pelos quais esses jovens interrompem ou não conseguem chegar ao ensino superior, ou mesmo não conseguem sair do ensino fundamental, são inúmeros e são reflexos das nítidas discrepâncias entre as classes sociais e da maneira ineficaz como a sociedade vem se organizando.

Sobre a questão da idade dos participantes, de antemão percebi desde o primeiro evento que a grande maioria dos frequentadores era adolescente e jovem, observando o biótipo físico e a aparente idade. Segundo um dos organizadores do evento o público alvo é a juventude dos bairros da periferia da cidade que vivencia situações específicas a ela dentro de realidades específicas dentro das comunidades.

Os dados colhidos através dos 41 questionários mostraram uma média de vinte anos de idade, porém, num mesmo dia houve uma variação grande entre as idades dos participantes – 12 anos e 41 anos, transformando essa média num dado irreal para ser analisado dentro da categoria que estabeleci como “juventude”. Diante desse intervalo amplo com relação à idade biológica e à atitude social ao que represente a juventude no evento Sintonia Periférica. Quando Bourdieu (1983) fala que “o reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias”, confirma a imprecisão dessa média apresentada. De fato, não se sabe em que idade termina a juventude e começa a vida adulta, principalmente se um dos fatores indicativos desse início seja a entrada no mundo do trabalho. Essa linha divisória entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas sociais (Idem.p.112).

Constatei que normalmente os sujeitos mais velhos faziam parte da organização do evento, possuíam um lugar de destaque em relação aqueles que apenas participavam do evento, constituindo uma relação de poder dentro da dinâmica da festa. Os mais velhos chegam a ter idades entre 32 a 41 anos e militam em partidos, organizam eventos, alguns trabalham em outras funções, outros não trabalham e somente estudam, e ainda assim se reconhecem como fazendo parte da camada jovem da sociedade.

O encaixe na situação juvenil se mostra de maneira transitória em que a passagem de uma fase a outra, nesse caso da juventude para a fase adulta, ainda não aconteceu e parece estar num movimento de dilatação devido a conjuntura social na qual esses sujeitos se encontram. Com diz Canevacci (2005):

Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: *as dilatações juvenis* (p.29).

Ainda segundo Canevacci (2005) os indicativos relativos ao corpo, ao trabalho ou sociológicos deixam de ter limites definidos e multiplicam-se em identidades móveis e nômades (p.29).

Nomenclaturas diferentes podem sugerir um melhor esclarecimento sobre a condição das juventudes na dinâmica social de hoje. Jovens adultos aparecem como elemento importante a ser observado e ganham um espaço dentro das análises sobre essa etapa social (HOLLANDS, 1997, 226e 227). Seguindo essa direção, Bourdieu (1983) argumenta que “seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes” (p.113).

Poderia dizer então que são várias juventudes coexistindo nesse mesmo espaço social, através da necessidade de se praticar ações que sejam efetivas e influentes dentro da comunidade e reinventando outras construções sociais sobre juventudes, nesse caso específico, sobre possibilidades de diferentes juventudes na periferia.

A cultura *hip-hop* é a forma de manifestação que aparece no evento Sintonia Periférica. É através desse estilo musical, das rimas, do modo de se vestir, das gírias e do jeito de falar que os jovens da periferia de Aracaju se expressam nesse lugar embaixo da ponte. Uma manifestação cultural reinventada nas periferias das grandes cidades a partir do movimento *hip-hop* afro americano e jamaicano, tomando lugar de destaque pois garante aos jovens dessas áreas, além do resgate da autoestima, a sensação de reconhecimento, pela forma contestatória de se manifestar, e suplementa as lacunas deixadas pela educação formal deficiente e as dificuldades estruturais e sociais dessa região (FILHO, 2004, p.145).

Numa das minhas primeiras conversas, com um frequentador regular da ponte que confessou seu sentimento de exclusão em relação a cidade, ele não é sergipano mas veio muito novo morar em Aracaju e instalou-se no bairro Industrial porque já tinha uma parte da família dele residindo. Em sua declaração expressou o sentimento sobre Aracaju, disse que

via limitações em relação a cultura *hip-hop*, que sentia falta de ter mais eventos. Demonstrou satisfação com relação ao Sintonia periférica por realizar eventos envolvendo a cultura *hip-hop* e hoje faz parte da organização. Através da sua vivência com o skate ele conheceu o lugar e achou ali uma opção de lazer e sociabilidade dentro do bairro, o que levou ao seu engajamento no movimento embaixo da ponte para criar opções de espaço para o *hip-hop* dentro da cidade.

Outra questão referente ao meio do *hip-hop*, é a pouca participação das mulheres comparada ao contingente masculino. A presença feminina nos eventos embaixo da ponte é sempre bem restrita equiparada a maioria masculina no ambiente.

Apesar de as questões de gênero não terem sido foco de aprofundamento dessa pesquisa, não pude deixar nesse assunto. A questão da opressão feminina está em todos os níveis e situações diversas do nosso cotidiano, e falar do empoderamento da mulher dentro das dinâmicas sociais é mais do que necessário, é imprescindível.

O discurso dominante tende a minorar a importância das mulheres na cultura *hip-hop*. Na maioria dos casos, a presença feminina apresenta-se como um acessório ou adorno da actividade masculina. Ou ainda, converte-se numa espécie de alvo para o discurso masculino sobre as diferenças de gênero, cuja principal manifestação pode ser encontrada no machismo e na misoginia que transparecem, sob variadas formas, no primeiro (SIMÕES, 2013, p.110).

No meio do *hip-hop* essa situação já é bastante identificada, apesar de hoje em dia muitas mulheres ocuparem esse espaço com mais intensidade tanto nos grupos *rap* como na organização de eventos. Simões (2013) afirma que “esta menorização tende a ser contestada tanto a partir de dentro, através da actividade desenvolvida por várias *rappers* femininas, como de fora, através das pesquisas científicas realizadas neste âmbito” (Idem. p.110).

O evento Sintonia Periférica em sua retomada no ano de 2015 trouxe uma nova estrutura com atividades que aconteciam semanalmente. Por cerca de 4 meses essa regularidade aconteceu, sendo a partir do segundo semestre deste mesmo ano, as atividades passaram a acontecer duas vezes ao mês.

Em média, os eventos reúnem em torno de cem a cento e cinquenta pessoas. Em alguns deles, em que bandas mais conhecidas tocaram, esse número aumentou para em torno de trezentas pessoas. Nos eventos iniciais, o número de participantes ficava em torno de cem pessoas, mas como o passar do tempo, o número foi reduzindo, a assiduidade dos participantes também, por vários motivos.

Por ser um evento independente, sem apoio de nenhuma instituição que o financie ou que garanta seu acontecimento, a frequência dele foi sendo modificada. O esgotamento dos eventos que mantêm uma proposta fixa acontece com o tempo, a novidade é o que mais motiva a participação, ou uma apresentação artística que seja de maior gosto dos participantes.

Uma das maiores reclamações feitas pelos organizadores em relação ao caráter da participação dos jovens, é a ida ao evento somente com o intuito de assistir aos shows. Para eles, o mais importante seria ver esses jovens participando e/ou construindo outros espaços políticos na comunidade, tendo como objetivo que os mesmos façam o movimento, estimulando mudanças na forma das organizações das juventudes e que as ações pudessem acontecer com mais assiduidade.

Mas nem sempre é isso que acontece, ou quando acontece, de maneira diferente do que os instigadores do evento imaginam. Cada um que participa tem suas experiências, sua história de vida, não necessariamente percebendo as ações políticas como ações cotidianas. Cada um tem suas escolhas, desejos e perspectivas, e ensinar, estimular e gerar novas motivações levam tempo para criarem significado.

Ainda em relação ao esgotamento e sobre a extensão das atividades como uma forma de motivar e gerar mais opções de espaços no movimento hip-hop, o Sintonia entrou num circuito de atividades que já existia dentro da instituição Nação Hip-Hop, do qual os organizadores são afiliados.

Esse desdobramento das atividades origina o ‘Fim de Semana do hip-hop’, que consiste em três movimentações, todas com o *hip-hop* como diretriz, além do trabalho de conscientização política e organização das juventudes. As três atividades possuem características parecidas, mas maneiras diferentes de explorar os objetivos.

O Sintonia Periférica que passou a ser às sextas-feiras, ainda no mesmo lugar embaixo da ponte e possui o mesmo formato de palestra, filme ou documentário, participação voluntária e show de alguma banda ou grupo musical.

Aos sábados, o ‘De quebrada em quebrada’ que consiste em levar um pouco o plano do Sintonia para outras comunidades. Alguém, ou um grupo, entra em contato com os organizadores de eventos da Nação Hip-Hop, e solicita a visita ao seu bairro. Junto com esse novo grupo se decide o lugar, o horário e as atrações do evento de acordo com a necessidade da comunidade, além de dar oportunidade aos artistas provenientes dessa localidade. Aos domingos, o ‘Sarau das flores’, organizado pela frente feminista da Nação Hip-Hop, que acontece no Marcos Freire, bairro do município de Nossa Senhora do Socorro. Um sarau de

participação intensa feminina e com a função clara de explorar esse universo através dos conhecimentos sobre o movimento feminista e a atuação da mulher dentro do movimento *hip-hop*.

Quanto a extensão, não tive oportunidade de ainda nessa pesquisa abarcar as especificidades e as dinâmicas de cada uma das atividades. Desde o início da pesquisa propus-me deter apenas sobre o evento Sintonia Periférica para tentar explorar ao máximo suas dinâmicas juntamente com a ocupação do espaço embaixo da ponte.

Um outro fator importante ainda em relação aos usos do espaço embaixo da ponte, muitas vezes associado ao evento Sintonia Periférica, mas que acontece diariamente e merece uma atenção especial é sobre o uso da maconha nesse local.

Uso do psicotrópico por maior parte dos jovens foi declarado durante a aplicação dos questionários no momento da pergunta relacionada ao tempo livre e o lazer, e muitas vezes a resposta era justamente o uso da maconha nesse local específico embaixo da ponte. Além da declaração feita por eles, foi possível observar durante todas as visitas e nas conversas informais tanto com os participantes como com os organizadores sobre a questão do uso. Estes se mostram relutantes frente ao uso no local, pois acham que isso será associado ao evento, o que pode atrapalhar a aceitação pela comunidade, formada por moradores das redondezas da ponte.

O uso da maconha é um outro assunto visto como problemático tanto para os organizadores do evento, quanto para o coordenador do complexo de esporte. Sobre esse assunto, Becker (2008) diz que pesquisas trazem formulações que indicam que o principal motivo do uso, é um “hábito identificado como psicológico, como uma necessidade de devanear e fugir de problemas psicológicos que o indivíduo não é capaz de enfrentar” (p.51). Para ele, porém, não parecem adequadas para explicar o uso, em sua pesquisa Becker classificou o uso muito mais como “recreativo” (p.52).

Trago essa informação porque através das respostas dos questionários pude perceber que os jovens que frequentam a ponte possuem esse tipo de atividade recreativa, não pretendo enfatizar se há ou não uso abusivo, mas sinalizar que a intenção da ocupação desse espaço, seja em eventos ou não, é em sua maioria para o uso regular de maconha por grande parte dos frequentadores. Mesmo que nos dias em que não acontecem o evento, grande parte dos jovens se desloca até lá para fazer uso, e nos dias de festa amplia-se a disponibilidade e a quantidade de jovens usuários.

Durante as conversas me pareceu claro a real necessidade do uso do espaço. Alguns declaram abertamente que associam o uso à curtição da festa e ao apoio ao evento, outros

assumem a ida somente pelo uso, com ou sem festa, e há, ainda os que omitem o consumo, por medo ou qualquer outro sentimento de reprovação, da minha parte como pesquisadora ou de quem fosse ter acesso a esses dados. Mas que durante as conversas e brincadeiras entre amigos, sempre é falado de maneira subentendida sobre o uso ou mesmo o próprio uso.

Esse fato traz à tona uma demonstração da variedade de usos do lugar. Divergências, discordâncias na forma de usar aparecem dentro do grupo. Mostra que a percepção de quem faz o evento na ponte é diferente daqueles que somente participam, eles têm objetivos também diferentes. Essa divergência coexiste no mesmo espaço porque ainda assim elas se assemelham em algum momento na dinâmica da ocupação, na sociabilidade e na conduta desviante. A diferença de intenção não necessariamente se choca e se afasta, mas cria uma tensão e uma complementariedade necessária para o acontecimento da ocupação, para ressignificação desse espaço público.

As várias possibilidades demonstram a riqueza social dentro das dinâmicas urbanas.

Uma das minhas questões em relação a participação e o conhecimento desses jovens em outros eventos que usam o espaço público com campo de ação também foi trabalhada durante a aplicação dos questionários. Minha intenção era saber se os participantes do Sintonia Periférica circulavam em outros eventos de ocupação de espaço público através da arte, se havia algum tipo de interação com outras manifestações.

A maioria deles mantém a constatação que tive em relação a circulação dentro das zonas e a fidelidade ao gosto musical. A maioria quando participa de outro evento escolhe ou perto de onde mora ou pela afinidade com o movimento hip-hop, o rap a poesia e o reggae. Os outros eventos dos quais esse mesmo jovens tendem a participar fora da zona da cidade da qual eles moram é o ‘Sarau debaixo’- evento embaixo do viaduto do Distrito Industrial de Aracaju, zona sul, que apesar do nome parecido não tem as mesmas características do bairro Industrial. Esse evento tem como cargo chefe a poesia, mas quase sempre acontecem outros tipos de apresentações artísticas, como música, dança, documentários.

O ‘Som de calçada’ – no estacionamento da praia da Cinelândia²⁹ na orla marítima, bairro atalaia, zona sul, que traz o reggae como cargo chefe da direção musical, mas que abre espaço para quem se disponibilizar tocar ou cantar qualquer estilo musical.

‘Ensaio aberto’ no parque dos cajueiros, no bairro Farolândia, zona sul, que promove shows musical, feirinha de artesanato, artes plásticas, apresentações de dança.

²⁹ Nome de uma antiga sorveteria que virou ponto de encontro e referência na praia de Atalaia, na orla marítima de Aracaju. E que se manteve através do uso informal da população que até hoje se refere aquele ponto onde foi a sorveteria como “praia da Cinelandia”.

Os três eventos são promovidos e idealizados por pessoas da classe média, universitária e que moram na zona sul da cidade. Acredito que por isso a escolhas desses lugares dentro das zonas de moradia da classe média.

Outros eventos da classe média que acontecem e que não foram citados pelos jovens que frequentam o Sintonia Periférica, creio que por motivos mais relacionados ao estilo musical, são o ‘Clandestino’, evento de música punk, que divulga o show, mas só divulga o lugar do evento no dia do acontecimento. O Maré -maré, evento que não acontece mais, mas que buscou fazer uma retomada histórica do uso da Praça Fausto Cardoso, uma das principais praças da cidade, de grande importância histórica e política de Sergipe. Desse evento surgiu um bloco de carnaval, o Bloco Maré que a 3 anos desfila no Carnaval da cidade, de maneira independente, trazendo músicas de manifestações populares do interior de Sergipe, como do Samba de Pareia, da Mussuca, povoado da cidade de Laranjeiras.

Diante dessa exposição vejo que a circularidade e a interação desses jovens em outros espaços da cidade se guiam muito mais pelo gosto musical, pela atividade festiva, pelo show, muito mais do que pelas intenções políticas ou propostas que priorizam o pensamento crítico sobre a ocupação dos espaços urbanos da cidade.

Nessa parte da pesquisa encerro minhas análises e vejo possibilidades de aprofundamentos em discussões de categorias e situações que se mostraram de grande importância e para construção de conhecimento social e cultural que ainda podem ser trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda fundamentação apresentada nessa pesquisa noto que o crescimento das cidades vem causando uma separação espacial entre seus habitantes e mudando o caráter das relações interpessoais e dos indivíduos com as instituições sociais, gerando alterações de comportamento na sociedade contemporânea.

As juventudes vêm desenvolvendo maneiras de acompanhar essas mudanças e criando táticas de subversão e interferência no cenário urbano de acordo com as situações do dia a dia. A carência em vários setores da vida social começa a produzir inquietações, necessidades de trocas de percepções e dissolução de alguns paradigmas. Uma nova maneira de estar e agir no mundo germina através de associações de sentimentos e práxis equivalentes com o desejo de alterar a ordem cotidiana.

Questionamentos relativos às problemáticas sociais aparecem diante das circunstâncias em que a nossa sociedade se encontra, no tocante à política, à educação, à mobilidade urbana, ao incentivo à cultura e à arte, etc. Em Aracaju essas indagações também acontecem mediante a busca pela ocupação e ressignificação dos espaços públicos. A rua torna-se cada vez mais um lugar de posicionamento político e de possibilidades artístico-culturais para os jovens que almejam mudança diante do padrão cultural hegemônico da cidade.

O espaço público por si só já é um lugar de sociabilidade, de encontros e trocas das quais se constituem as relações sociais. Na cidade, há todo momento surgem modificações que mexem com a rotina de seus moradores, quer seja na construção de novos prédios, abertura de novas ruas, na dinâmica do trânsito, dos caminhos diferentes que brotam das inter-relações estabelecidas entre os indivíduos, ou mesmo nas pequenas situações de mudanças de trajetos. Há alguns anos a necessidade de ir para rua vem aumentando a apropriação dos espaços urbanos, de forma incisiva e intencional.

Arelada a essa nova maneira de se relacionar com o meio urbano aparecem também novas possibilidades de espaços que podem ser usadas para a cultura como opções de lazer e difusão artísticas na cidade. Os espaços culturais, em Aracaju, muitas vezes se reduzem a lugares privados, que não valorizam a produção dos artistas aracajuanos, limitando e separando quem pode pagar e quem não pode.

A tomada de consciência pelas juventudes vem expandindo e proporcionando questionamentos acerca das diferenças sociais, além de exigir do estado uma política cultural que possa ser oferecida para a maioria. A luta por condições melhores de convivência na

cidade, não vem só das classes sociais desprivilegiadas, os jovens da classe média, que ainda têm mais acesso às universidades, estão se mobilizando e se apoderando dos espaços com objetivo de questionar as formas de organização da cidade.

As juventudes se mostram mais disponíveis para, em todas as suas formas, realizar esses questionamentos, e mais, idealizar ações que quebrem com a rotina e a estrutura do cotidiano. As várias maneiras que essas juventudes se apresentaram, das quais pude observar durante a pesquisa, sendo elas “jovens adultos” ou “adultos jovens”, só demonstram como há múltiplas possibilidades de interagir com as muitas realidades dentro do mesmo espaço urbano.

Organizam-se, mesmo que seja para uma simples ida à ponte e dividir um “beck”³⁰, traçam estratégias de conduta diferenciada em relação à cultura e à apropriação dos espaços públicos, contrapõe-se à maneira hegemônica da cidade de Aracaju e procuram dar outra cara para cidade. Incitando debates, promovem questionamentos e direcionando o olhar para uma possibilidade de vivência que melhore sua relação com a cidade. Criam ideologias, e usam a arte, a música o *hip-hop*, como veículo facilitador para saciar suas necessidades sociais, culturais e lúdicas.

O espaço embaixo da ponte se manifestou cada vez mais representativo por apontar variadas situações e reações referentes às dinâmicas sociais da cidade, do bairro Industrial e do evento Sintonia Periférica. Através do evento pude visualizar diretamente algumas consequências que a reurbanização da cidade acarreta para a vivência social do local, como essa interação sujeitos-espaço cria experiências que são adicionadas aos comportamentos. Nesse cenário específico que trabalhei nessa pesquisa, o espaço embaixo da ponte através desse evento, pude fazer conexões maiores em relação aos movimentos de ocupação de espaços públicos na cidade de Aracaju e visualizar uma prática similar, porém com motivações distintas.

As ações dos sujeitos nos espaços urbanos criam experiências que representam sua relação com o mundo e com os outros. Os espaços urbanos projetam as relações sociais existentes nas comunidades, transformando um simples lugar em uma interação de lugares no espaço comum, legitimando o meio urbano como campo de pesquisa.

A princípio pensei que as manifestações em espaços públicos eram uma reação intensa, principalmente política, à maneira como Aracaju vem crescendo e, muitas vezes, dificultando a utilização da cidade para alguns, normalmente aqueles que se encontram numa

³⁰ Cigarro de maconha.

camada social mais baixa e que moram nas regiões mais periféricas. Isso de fato aconteceu, em uma proporção menos intensa do que imaginei quando iniciei a pesquisa. Os esclarecimentos políticos frente às utilizações dos espaços públicos são mais percebidos nos sujeitos que idealizam e organizam as manifestações, não excluindo a percepção política dos sujeitos que apenas participam eventualmente do evento, mas apontando a diferença entre as intenções e os modos de ações entre eles.

A fragmentação da cidade decorrente do crescimento atrelada à divisão de classes por território, dificulta, mas não impede que haja uma interação entre as participações dos sujeitos nos eventos locais. Em vários momentos da pesquisa considerei que essa divisão sobrecarregaria mais a minha pressuposição de que havia pouco contato entre as manifestações, mas acredito que são as motivações para o contato, por exemplo o gosto musical, que limitam a interação dos participantes com outras manifestações.

Mas como diz Hall (2003)

o que importa são as rupturas significativas, nas quais as velhas correntes de pensamentos são rompidas, e os novos elementos se reagrupam aos velhos ao redor de uma nova gama de premissas e temas. As mudanças nas perspectivas refletem nos resultados do trabalho intelectual e na maneira como se desenvolvem as transformações históricas. Essa relação entre pensamento e realidade histórica reflete nas categorias sociais gerando novas formas de conhecimento (p.131).

Novas experiências, trocas e interações desencadeiam diferentes formas de conhecimentos que são produzidos cotidianamente, não só pelas juventudes, mas por todos os sujeitos que vivem nas cidades. As inquietações estimulam a diversidade que enriquece a dinâmica social produzindo efeitos no sistema de organização. O movimento de organização e desorganização, de construção e reconstrução tornam-se apenas incentivos para que observemos o que de fato é importante dentro desses processos urbanos, que são a variadas formas de interagir com situações que a dinâmica da cidade incita. As múltiplas adaptações, estratégias e maneiras de conviver, recriar, reinventar e fazer o jeito de estar na cidade. Lefebvre (2012) diz que nós cidadãos precisamos de mais do que saciar as necessidades básicas e sociais, temos necessidade da criatividade, dos simbolismos, do imaginário.

A vida na cidade é movimento, e como diz o poeta sergipano Mario Jorge (1947) “é urgente o vexame”! Viver na cidade é viver em constante vexame dentro do enxame urbano.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antônio A. Patrimônio cultural e cidade. In: 2009. FORTUNA & LEITE, **Plural de cidades: léxicos e cultura urbana**. Edições Almeida A.S. Coimbra, 2009

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudo sociológico do desvio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: Fortuna, Carlos (org.). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia**. Oeiras: Celta Editora, 1997. pp. 67-80.

BOURDIEU, Pierre. Entrevista com Pierre Bourdieu. Extraído de: BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

BURGESS, Ernest W. The growth of the city: An Introduction to a Research Project. In: PARK, Robert E. **The City**. The University of Chicago Press, Chicago, 1925.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju: um guia sentimental da cidade**. Regina, 1948.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARVALHO et al. **Desigualdades em saúde: condições de vida e mortalidade infantil em região do nordeste do Brasil**. Rev Saúde Pública 2015; 49:5. P.1-9.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

EUFRASIO, Mário A. **Estruturas urbanas e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915 – 1940)**. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo/ Ed. 34, 1999.

FIGUEIREDO, Expedita Fátima. **Reflexões Acerca da Metodologia de Pesquisa em Antropologia Social**. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Dez. -Nº21, Vol. IV, 2000.

FILHO, João Lindolfo. Hip hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social. In: PAIS, José Machado. **Tribos Urbanas: Produções Artísticas e Identidades**. Lisboa, 2004.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 23.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

FORTUNA, Carlos. Descentralização e imagem da cidade. O caso Évora. In: FORTUNA, Carlos. **Cidade, Cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Celta editora, Oeiras, 1997.

FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade**. Campinas, SP: Papirus, 2006

GRAÇA, Tereza C. C. **De maçaranduba a industrial: história e memória de um lugar.** Aracaju: Fundação Municipal de Cultura, Turismo e esportes – FUNCAJU, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, UFMG, 2003.

HOLLANDS, Robert G. As identidades Juvenis e a cidade: Newcastle e a cultura Geordie. In: FORTUNA, Carlos. **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia.** Oeiras, 1997.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Livraria Letra livre: Lisboa, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17 nº 49 ,Junho/2002. P.11-29.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade.** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOVSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. In: Velho, Otávio Guilherme (org.), **O Fenômeno Urbano.** 4ª Edição. Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1979.

RUBINO, Silvana. Enobrecimento urbano. In: FORTUNA & LEITE, **Plural de cidades: léxicos e cultura urbana.** Edições Almeida A.S. Coimbra, 2009.

SILVA, César H. M. **Nova vida pública em espaços privados: As transformações do centro de Aracaju a partir do conceito de espaço público forte.** XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Florianópolis, 2009.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção de espaço.** Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Betrand Brasil. Rio de Janeiro, 1984.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** In: Mana 11(2); 577-591, 2005. Trad. Leopoldo Waizbort.

SIMÕES, Alberto José. **Entre percursos e discursos indenitários: etnicidade, classe e gênero na cultura hip-hop.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. P. 107 – 128.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. Trad. Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: Velho, Otávio Guilherme (org.), **O Fenômeno Urbano**. 4ª Edição. Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1979.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, Carlos (org.). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia**, Celta Editora, Oeiras, 1997, pp. 45-65.

ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas Pós modernas: Mapeando Cultura e Poder. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.pp 80-103. 2000.

SANTOS et all. Relatório/ Bairro Industrial. Aracaju, 2011.

<<http://cadernoestudante.blogspot.com.br/2011/02/relatoriobairro-industrial.html>>(Acessado em 13/07/2015 às 19:35).

<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=se> (Acessado em 29/04/2016 às 20:50)

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=28&dados=0> (Acessado em 08/03/2016 às 16:58).

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=280030> (Acessado em 09/03/2016 às 16:17).

http://populacao.net.br/populacao-industrial_aracaju_se.html (Acessado em 08/03/2016 às 17:26).

<http://www.agencia.se.gov.br/noticias/governo/especial-aracaju-zona-norte-da-capital-tera-nova-paisagem> (Acessado em 12/03/2016 às 14:29).

<http://www.seinfra.se.gov.br/index.php?pag=8&id=2&cod=372> (Acessado em 11/03/2016 às 20:39).

<https://revistarever.com/2015/01/26/bairro-industrial-de-aracaju-e-o-conflito-entre-a-historia-e-o-desenvolvimento/> (Acessado em 12/03/2016 às 14:35).

<http://www.seel.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=1471> (Acessado em 13/03/2016 às 15:57).

<http://punhosdeouro.blogspot.com.br/> (Acessado em 15/03/2016 às 16:00).

http://www.graffiti.org/faq/spinelli/pichacao_e_comunicacao_um_codigo_sem_regra.html (Acessado em 15/03/2016 às 17:49.)

<http://www.nacaohiphopbrasil.com.br/p/quem-somos.html> (Acessado em 16/03/2016 às 15:36).

ANEXOS

Entrevista

Nome completo

Apelido ou nome artístico

Idade

Grau de escolaridade

Ocupação

É morador do Bairro?

Se não é mais, por que saiu, quanto tempo morou e onde mora atualmente?

Lembra da construção da ponte? Fale um pouco sobre essa lembrança e dê sua opinião sobre ela.

Como era antes da construção da ponte?

Como está o lugar hoje após a construção? O que mudou?

Como se deu a ocupação do espaço debaixo da ponte?

Participou dela? Qual nível de participação?

Fale um pouco sobre as pessoas que frequentam esse lugar.

Por que usar esse espaço e não outro?

Conhece o evento chamado “Sintonia Periférica”? Fale um pouco sobre ele.

Já participou? Como (artista, espectador, vendedor,...)?

Acha importante o acontecimento do evento? Por que?

O que conhece sobre a Nação hip-hop?

Sobre outras modificações físicas no bairro, por exemplo o Shopping e a revitalização da

Orlinha, qual sua opinião?

Sabe alguma coisa sobre a remoção dos moradores da beira do rio?

Sobre outros movimentos de ocupação de espaço público através da arte que acontecem na cidade, já frequentou algum? Qual? Tem interação com algum deles?

Sobre inclinações políticas. É filiado a algum partido? Com se relaciona com a política?

Sobre outras atividades que acontecem embaixo da ponte, sabe de mais alguma?

O que faz no seu tempo livre?

Qual a melhor forma de lazer?

A cidade garante formas de lazer para os cidadãos? O que poderia opinar sobre esse assunto?

Deixo livre para qualquer comentário acerca do assunto, ou opinião sobre as questões.

Questionário

DATA: _____ HORA: _____

IDADE: _____ SEXO: _____ OCUPAÇÃO (ÕES):

ESCOLARIDADE: _____ RENDA:

BAIRRO ONDE MORA:

O QUE FAZ NO TEMPO LIVRE?

POR QUE VIR PARA ESSE EVENTO?

MEIO DE TRANSPORTE USADO: _____